VIAGEM POR TERRAS DE FRANÇA

BRETANHA, NORMANDIA E VALE DO LOIRE

16-5-2013 / 16-6-2013

Viagem realizada por FONSECA E TESSIE

França é um país que sempre nos encantou, desde a primeira vez que o visitámos. Sendo estrada quase obrigatória para os países do norte da Europa, já a atravessámos várias vezes e também já visitámos algumas das suas regiões que achamos de uma enorme beleza, quer seja no norte, no centro ou no sul. Faltava-nos conhecer a Bretanha, terra de lendas e tradições com uma paisagem natural lindíssima onde sobressaem as pequenas aldeias bretãs, ainda com muitos vestígios da cultura celta e os portos pesqueiros onde a vida decorre em função do mar. A Normandia e as praias do desembarque, era outro dos nossos objetivos e, por fim, o Vale do Loire e os seus belos castelos…
Esta viagem estava nos nossos planos já há algum tempo. Calhou este ano…

1º Dia - 5ª feira, 16 de Maio de 2013

PRAIA DO RIBATEJO A SALAMANCA – 401 KM

Eram cerca de 9h 30mn quando deixámos a Praia do Ribatejo e iniciámos esta viagem que já tínhamos planeado até mesmo antes da que fizemos, em 2010, ao Cabo Norte.

O céu apresentava-se um pouco nublado mas a temperatura era muito agradável. Seguimos até Marvão, apenas com uma breve paragem na AS de Abrantes para comprar jornais e revistas, e outra em Alvega para comprar pão e alhos, num pequeno minimercado à beira da estrada.

Entrámos em Espanha com tudo a correr normalmente e, passando por Valência, seguimos até Cáceres. Pouco trânsito e boa estrada. De Cáceres para Salamanca, tomámos a autovia A66 (grátis), uma estrada que é um luxo, sobretudo porque não tem custos para o utilizador, tem faixas separadas, bom piso, enfim… uma boa autoestrada.

Eram quase horas de almoço e íamos a falar que em breve sairíamos da estrada para uma povoação e aí almoçaríamos, quando ouvimos um enorme estrondo… Com as devidas precauções, parámos, pensando que seria problema no suporte da mota. Felizmente, não era… tinha rebentado o pneu de trás, do lado esquerdo… do mal, o menos!... Não houve problemas de maior, só o pneu e o guarda-lamas que desapareceu…

Contatada a assistência em viagem, foi-nos dito que o nosso seguro não cobria mudança de rodas mas que nos poderiam dar o contato de um assistente na zona e podíamos combinar com ele o preço do serviço para ver se nos interessava.

Entretanto, e com muito cuidado, deslocámos o carro umas dezenas de metros para uma zona liberta de rails onde nos podíamos chegar mais para a berma e assim ficarmos mais protegidos visto tratar-se de uma via rápida e a roda a mudar ser, precisamente, do lado da via.

Colocada a sinalização e vestidos os coletes, procedeu-se à colocação do macaco e, seguidamente, à mudança da roda, operação que correu lindamente, com a arte e engenho (e também o esforço…) do velhinho que estava calmíssimo com tudo isto… Sendo assim, já não havia necessidade de telefonar ao assistente.

Roda mudada e já refeitos do susto, seguimos viagem, saindo para almoçar uns kms mais à frente. Comemos uma belíssima feijoada que tínhamos no frigorifico (para retemperar forças…) e continuámos a viagem até Salamanca onde ficámos estacionados num parque junto ao rio, juntamente com cerca de 1 dezena de autocaravanas. É um parque de lazer urbano, a cerca de 200 m do centro histórico e com bons estacionamentos (GPS: N 40º 57.281 W 5º 40.058). Jantámos (sopinha de espinafres, pasteis de bacalhau, salada de alface, pera e café) e, como começou a chover, resolvemos ir dormir deixando a visita à cidade para amanhã. Também teremos que procurar onde comprar um pneu porque, agora, não temos roda suplente.

2º Dia – Sexta feira, 17 de Maio de 2013

SALAMANCA A DONOSTIA–S. SEBASTIAN – 482 kms

Noite tranquila. Dormimos bem e acordámos cerca das 8 h mas como estava frio e o quentinho do edredon estava a saber bem, resolvemos ficar mais uma horinha na cama. Levantámo-nos cerca das 9 h e, depois de fazer a higiene matinal e tomar o pequeno almoço, saímos para visitar o centro histórico.

Uma chuvinha ligeira começou a cair, alternando com períodos de céu nublado mas sem chuva e a temperatura também baixou consideravelmente.

Atravessámos a ponte romana e depressa chegámos ao casco antigo onde visitámos a catedral, imponente conjunto arquitetónico constituído por duas catedrais, a Catedral Velha, começada a construir no sec. XII com planta de cruz latina com 3 naves em estilo românico e as

abóbadas de transição ao estilo gótico; a Catedral Nova do sec. XVI e XVIII apresenta o estilo gótico tardio e românico. Todo este conjunto é uma verdadeira obra de arte.



Espaço envolvente à Catedral de Salamanca



Uma das fachadas laterais da Catedral de Salamanca

Perto da Catedral fica a Casa das Conchas, onde funciona a Biblioteca e, perto também, a Universidade



Casa das Conchas



Claustro da Casa das Conchas



Ponte romana

A chuva começou a engrossar e tornava-se difícil continuar o passeio pois, apesar dos chapéus de chuva, já estávamos a ficar molhados. Dirigimo-nos para o parque e resolvemos seguir viagem mas, antes, passámos por uma casa de pneus para comprar o pneu que nos faltava. Não tinham aquele modelo, só se esperássemos até às 17 h. Resolvemos continuar para Valladolid e procurar aí. Assim foi, em Valladolid fizemos uma paragem para almoço e aí procurámos o pneu. Também não havia mas, depois de fazer uns telefonemas, o sr. disse-nos que o mandaria buscar e dentro de meia hora estaria lá. Assim foi. Colocado o pneu na jante e verificada a pressão das rodas, continuámos a nossa viagem, agora bem mais descansados.

Seguimos para Burgos e daí para Vitória e S. Sebastian, onde já tínhamos decidido passar a noite numa AS cujas coordenadas já tinha anotado para o caso de ser necessário (GPS: N 43º 18.469 W 2º 00.853).

A chuva continuou durante toda a noite mas até foi agradável para nos embalar o sono. Dormimos muito bem.

3º Dia - sábado 18 de Maio de 2013

S.SEBASTIAN A SOUSTONS (FRANÇA) – 111 KMS

Depois de uma noite de chuva intensa mas de sono tranquilo, acordámos cerca das 8 h para prosseguirmos a nossa viagem. A chuva não dava tréguas mas isso não nos impediu de continuar até Soustons, primeiro pelas estradas nacionais mas em S: Jean de Luz apanhámos a autoestrada para podermos chegar antes de almoço. Entretanto, telefonámos à nossa amiga Mercedes convidando-a para almoçar connosco e às 13 h já estávamos no Hotel Restaurante "Les Gourmandines" para saborear um "Dos de Merlu à L'epagnol avec Pâte artisanal" que estava muito bom e com uma apresentação requintada. O almoço quase deu para pôr a conversa em dia mas, como íamos passar a noite em casa da Mercedes e ela tinha compromissos para essa tarde, fomos fazer umas compras no supermercado e aproveitar para ver as novidades que, aqui, se encontram sempre em maior variedade que na nossa região. Eram cerca de 18 h quando nos dirigimos para casa da Mercedes, uma vez que o dia continuava muito instável e o frio já se fazia sentir com alguma intensidade. Além disso, apareceu-nos água no chão da AC, que não sabíamos de onde vinha e era necessário descobrir… Mais tarde, chegámos à conclusão que a água devia ser projetada pela roda uma vez que, quando do rebentamento do pneu, a cave da roda também sofreu uns certos danos e assim, quando chove e em movimento, a água da estrada é impelida de encontro à cave da roda e por qualquer orifício que se encontre mal vedado, passa para o interior da caravana. Bem… terá que ser resolvido em breve…

Jantámos em casa da Mercedes, uma entrada de camarão frito e "Magret de canard" acompanhado de feijão verde salteado. Para sobremesa, "Tarte de maçã". Acompanhámos a refeição com uma garrafinha de Chardonnay (branco) e para acompanhar a Tarte, ela abriu uma garrafa de champanhe, bem fresquinha, que bebemos ao longo da noite, enquanto conversávamos. Resultado: era 1 h da manhã quando terminámos o jantar e nos levantámos da mesa. O tempo tinha melhorado ligeiramente e já não chovia.

4º Dia - domingo, 19 de Maio de 2013

SOUSTONS – CAPHBRETON – SOUSTONS – 60 KMS

Era domingo e resolvemos ficar mais um dia em casa da nossa amiga para podermos secar os tapetes da AC que se tinham molhado devido à água que entrou durante a viagem de ontem pois choveu copiosamente durante todo o percurso. Saímos cerca das 10 h para irmos até Caphebreton, zona balnear e porto de pesca, conhecido pela qualidade do seu pescado e pelas ostras.

Caphebreton dista de Soustons cerca de 30 Kms e o percurso faz-se por estrada nacional paralela ao mar e numa zona de floresta com pinhal, muitos fetos e outras árvores de folha caduca tais como carvalhos. A paisagem é bonita e muito fresca, várias áreas de piquenique e de lazer, com vastos relvados muito bem aparados. Chegados a Caphebreton e após estacionar a AC, fomos dar uma voltinha para conhecer a povoação. Passámos junto à igreja e, como estava aberta, fomos visitar. Estava a decorrer a missa que tinha começado há pouco tempo e resolvemos ficar até ao fim. Muita gente na Missa, de todas as idades, homens e mulheres. Quando saímos seguimos pelas ruas para ver montras. Tem boas lojas com produtos também bons, muitos motivos náuticos, mas não se via ninguém a comprar, as lojas, sem excepção, estavam completamente vazias… Entretanto, a chuva voltou e como já eram horas de almoço, fomos para a AC e procurámos um sítio mais perto do mar para almoçar. A povoação tem boas vivendas, belos jardins e bons restaurantes. Além de ser porto de pesca é uma boa zona balnear porque tem uma extensão de praia considerável. O almoço foi galinha caseira com esparguete e salada de alface “made in Portugal”. Uma delícia!...

A chuvinha parou e, para digerir o almoço, fomos passear pela zona ribeirinha. Caphebreton tem uma enorme marina repleta de barcos de recreio, na maior parte veleiros mas também muitos iates e outros barcos mais pequenos. Junto ao porto havia um pequeno mercado de venda de peixe. Belo peixinho que ali havia: pescadas enormes e de todos os tamanhos, douradas, tamboril, sargo, muitos peixes de que não sabemos o nome e até sardinhas e petingas lá havia… tudo fresquinho… mas sem

ser em quantidades industriais, é mais uma pesca artesanal, alguns tinham um letreiro “pescado à linha”. Ah… já me esquecia…e ostras, também havia muitas ostras e foi isso que comprámos para a entrada do jantar.





Marina de Caphebreton




Caphebreton

Voltámos para Soustons passando ainda por Hossegor e Seignosse, estas também duas boas zonas balneares com lindas vivendas e inseridas numa zona de floresta muito bem cuidada.

Em Hossegor encontrámos uma concentração de carros antigos que constituíram uma nota diferente no nosso passeio.






Regressados a casa da Mercedes, ainda fomos fazer cerca de 1 h de caminhada pela floresta com ela e com o seu cão Verdi. Depois foi abrir as ostras (o velhinho…) e comê-las. O jantar foi uma bela salada a acompanhar o Bacalhau à Gomes de Sá que a Mercedes fez para nós e que estava muito bom.

Mais um serão na conversa e à meia noite… cama!

5º Dia – segunda feira, 20 de Maio de 2013

Soustons – Arcachon – 134 Km

Hoje, o dia manteve-se quase sem chuva. De manhã ainda caíram uns pinguinhos mas de tarde já não choveu e a temperatura também subiu. Saímos de casa da Mercedes pelas 10h30, depois de tomarmos o pequeno almoço e um cafezinho nespresso da nossa máquina, que bem nos soube… Só podemos utilizar a máquina de café quando temos corrente de 220w por isso, aproveitámos os dias que estivemos em Soustons.

Quando viajamos para conhecer uma região, procuramos evitar as autoestradas, viajando sempre por estradas nacionais ou secundárias que são aquelas que atravessam as povoações e nos mostram o que de mais característico se encontra em cada uma. Atravessámos as Landes pela estrada junto à costa, passámos por Mimizan, Sanguinet (onde existe um lindo lago…) e La Teste de Bush, esta já perto de Arcachon e da Dune du Pyla que já tínhamos visitado numa outra viagem. Já em La Teste de Bush procurámos um sítio para almoçar e como vimos um Decatlon, fomos para lá pois queríamos fazer umas compras. Hoje, aqui em França, é feriado – Dia de Pentecostes – e há muitas lojas fechadas, até mesmo supermercados mas o Decatlon estava aberto. Depois de almoço lá fomos comprar o que precisávamos. Depois fomos conhecer Arcachon, também com uma grande marina e um porto de pesca. Hoje, tudo parado por ser feriado.

Ficámos na As de Arcachon – GPS: N 44º 39.071 / W 1º 08.901

O velhinho atestou o depósito de água potável e esteve a fazer uma reparação na cave da roda que rebentou para evitar que entre água projetada pela roda, quando chove e estamos em circulação. Assim, com uma fita adesiva extra forte (que já nos serviu, noutra ocasião, para colar o pára choques traseiro…) tentou fazer um revestimento de proteção da cave de roda e… esperemos que resulte!... São as qualidades de MacGyver que já nos têm sido úteis em muitas ocasiões…



Marina de Arcachon

6º Dia – terça feira, 21 de Maio de 2013

ARCACHON – BLAYE – COGNAC – 198 km

O local de pernoita foi muito sossegado, apesar de ficar próximo de uma estrada mas, durante a noite, não houve trânsito. Após a higiene matinal e o pequeno almoço, deixámos Arcachon e seguimos para Blaye, pequena cidade no estuário do rio Gironde. O céu mantinha-se muito nublado mas não chovia e a temperatura era amena, sem vento. Seguimos em direção a Bordéus por boa estrada, com faixas separadas mas trânsito bastante

intenso durante os 60 km que nos separavam de Bordéus mas, onde a intensidade de tráfego aumentou a sério, foi mesmo na circular de Bordéus, camions em filas intermináveis, muitos deles portugueses. É sempre assim nesta zona porque é também local de passagem para Paris e para os países do norte da Europa, além de ser uma cidade com muita atividade portuária e com muita indústria e comércio. Passado Bordéus já o tráfego diminuiu de intensidade e pudemos seguir mais calmamente pelas estradas nacionais. Região vinícola por excelência, encontrámos muitas e bem tratadas vinhas, nas imensas planícies onde, de quando em quando, se encontram pequenos bosques. Chegámos a Blaye à hora do almoço e estacionámos num grande parque junto ao estuário do rio e muito perto da cidadela – GPS – N 45º 07.540 / W 0º 39.912

Após o almoço fomos visitar a cidadela, uma praça defensiva muito semelhante a Almeida, construída nos séc. XII e XIII e que posteriormente foi melhorada no aspeto defensivo sob a direção do grande estratega e engenheiro Vauban que se encarregou também de outras fortalezas que defendiam a cidade de Bordéus e a Europa.



Esta é uma das entradas na fortaleza e nas fotos seguintes temos alguns aspetos do interior da cidadela.









Dentro da cidadela encontram-se as ruínas de um castelo gótico onde se encontra o túmulo de Cariberto II, rei de Aquitaine e, segundo a lenda, também lá se encontra sepultado o herói francês Roland que serviu Carlos Magno e com ele participou em tantas aventuras épicas.

Seguimos depois para Cognac, passando por Mirabeau e Pons que são duas vilas também muito interessantes. Em Pons, numa rotunda, existem várias esculturas representando peregrinos, não sei se relacionados com o caminho de Santiago se com Saintes onde também existe um local de peregrinação.

Na zona antiga tem o hospital dos peregrinos e tem também um castelo. Esta região de Charente é muito bonita com extensos vinhedos e também grandes searas de trigo e milho, em lindos tons de verde que conferem à paisagem uma beleza e frescura que nos encanta.

Chegámos a Cognac à tardinha. Ficámos na AS junto ao rio Charente

GPS: N 45.69889 / W 0.33306

Jantámos cedo e fomos dar um passeio pela zona histórica onde se situa o castelo e as mais antigas destilarias onde se fabrica o Cognac, assim como o Museu do Cognac que contamos visitar amanhã.





A ponte sobre o rio Charente que conduz ao casco histórico e às destilarias mais antigas de Cognac. Na 2ª foto temos as duas torres que guardavam a entrada da cidade e que se encontram adjacentes ao castelo.

Cognac, a cidade medieval, é atraente pelas suas estreitas ruas de paralelepípedos e pelas suas fachadas renascentistas além da beleza que o Charente lhe confere, este rio que corre plácido por uma paisagem de vinhedos, banhados por uma luz clara e radiante.

É graças a estes elementos e ao saber e mestria dos homens que foi criado o precioso néctar que depois de uma dupla destilação em alambiques de cobre, sofre um envelhecimento em cascos de carvalho até atingir as características únicas que o transformam numa das mais preciosas “eaux de vie “ tendo em seu bouquet final o tão precioso brilho dourado.

7º Dia – quarta feira, 22 de Maio de 2013

COGNAC A BOURGNEUF-EN-RETZ – 252 KM

Acordámos cedinho depois de uma noite tranquila. Aproveitámos a manhã para uma visita ao Museu “Des Arts du Cognac” que nos mostra, de uma forma muito esclarecedora, todo o processo da viticultura, da enologia, da destilação e da tanoaria, não esquecendo a parte comercial e a indústria vidreira, através de milhares de objetos que testemunham a

evolução das técnicas, das estratégias comerciais e do engenho das gentes da região de Charente.

Ficámos a saber que Cognac é a terra natal de Francisco I (rei de França entre 1515 e 1547, foi um grande mecenas e ajudou a difundir o Renascimento em França) e de Jean Manet, o "pai" da União Europeia. Antes da visita ao museu fizemos uma visita ao Centre de découverte du pays de Cognac que está instalado na mais antiga "Maison du Cognac", La Maison Augier, fundada em 1643. Através de um pequeno filme foi-nos contada a história do rio Charente e a influência que teve na vida dos povos desta região que, através dele, se dedicavam ao transporte de sal, ao cultivo da vinha e do trigo e, mais tarde, ao desenvolvimento comercial que adveio sob o impulso de Aliénor d'Aquitaine. Depois, através de uma maquete, foi-nos mostrada a extensão do Pays du Cognac e as suas principais casas produtoras. O rio foi o grande impulsionador do desenvolvimento desta região pois foi através dele que se transportaram, ao longo de séculos, materiais e mercadorias, abrindo o acesso às vias comerciais do Atlântico. Até ao séc. XV o porto salineiro constitui a 1ªa zona comercial de Cognac. O desenvolvimento do negócio das "eaux de vie" foi nos séc. XVIII e XIX e a partir daí desenvolveu-se o comércio, em geral, com tudo o que lhe está relacionado. Imponentes são as instalações da várias casas do Cognac, implantadas na proximidade do rio, como a Hennessy, Martell e Otard. No exterior da vila velha estão as casas Camus e Remy Martin, entre as mais importantes. Cada destilaria usa os seus processos secretos e únicos para conseguir o melhor produto.





Castelo de Cognac






Algumas fotos da zona antiga de Cognac

Foi uma visita de que muito gostámos. Também se podem dar passeios de barco no rio à descoberta do património histórico de La Charente, mas isso não fizemos pois, à tarde, seguimos para Saintes, cidade medieval, com uma enorme catedral (estava fechada) e uma Abadia beneditina fundada no séc. XI. Na zona antiga, várias casas da época medieval e posteriores. Saintes também se situa nas margens do Charente

Na margem direita do rio encontra-se um arco de triunfo da época romana, o Arco de Germanicus, imponente mas muito sóbrio na sua concepção arquitetónica. É um simbolo da civilização romana nestas paragens.





O arco de triunfo e a ponte que une as duas margens do rio



A Catedral de S. Pedro e outros edifícios da cidade.







Após visitarmos as principais ruas da zona histórica da cidade resolvemos seguir viagem. A caminho de St. Nazaire , numa viagem que estava a correr tão bem, quando circulávamos numa via rápida, mais um susto… e este não foi pequeno – rebenta o outro pneu de trás!... Valeu a calma e o engenho do atento condutor (o velhinho!) para segurar o carro e encostar em segurança. Depois… foi a repetição de todo o processo que já tínhamos passado há 6 dias, mas este, bem mais difícil porque era a roda do lado da valeta e o carro estava ligeiramente descaído para esse lado o que motivou ter que levantar mais o macaco. Bem… ao fim de 1 hora de esforço intenso para o velhinho, lá seguimos viagem com a roda mudada. Andámos cerca de 20 km e estamos numa área de repouso em Bourgneuf-en-Retz GPS: 47º 02.500 / W 1º 57.409. O local é agradável. Valha-nos isso para descontrair. Jantámos como príncipes, para festejar! Estamos na espectativa de conseguir, amanhã, arranjar um pneu para a roda sobressalente, numa garagem Citroen mesmo em frente à Área de Repouso onde estamos. Vamos ver se nos "safam"….

8º Dia – quintq feira, 23 de Maio de 2013

Hoje, as coisas estão a correr melhor. Não há nada que valha a uma boa noite de sono para descansar e organizar as ideias. De manhã fomos à tal oficina da Citroen que fica mesmo em frente à área de repouso onde nos encontramos, para ver se tinham o pneu. Não tinham… mas arranjam para amanhã. Ótimo!... Resolvemos ficar aqui mais um dia e aproveitar para conhecer os arredores, até porque estamos muito perto do mar, na região Loire Atlantique que também é muito bonita. Tirámos a mota do "poleiro" e, após o almoço, fizemo-nos à estrada, descobrindo locais de interesse e beleza natural. Toda esta região faz parte do Marais Breton, terrenos húmidos, outrora ocupados pelo mar e onde a extração de sal em salinas, é uma das atividades profissionais mais antigas. A flora é característica nesses imensos campos alagadiços e a fauna também, com inúmeras espécies de aves e plantas que não é comum encontrar noutras regiões. De mota, percorremos os arredores de Bourgneuf, fomos até Les Moutiers-en-Retz, uma aldeia costeira, com habitações de um só piso, simples mas bem cuidadas, as ruas muito limpas e tudo transmitindo uma

tranquilidade que nos faz sentir bem e com uma enorme sensação de liberdade perante uma natureza ainda em elevado estado de pureza. Depois, seguimos através do Marais e encontrámos o Port de Collet onde se encontravam numerosas embarcações de pesca artesanal e alguns pescadores que cuidavam das artes de pesca. Aí, comprámos ostras que vamos comer ao jantar. Parecem boas… 4€ a dúzia! Seguindo a viagem, atravessámos uma zona de salinas e chegámos, de novo, junto à costa onde encontrámos uma série de construções em madeira, assentes em estacas, que entravam alguns metros pelo mar dentro e, na ponta, tinham uma cabana. Perguntámos, depois, para que serviam e, tal como calculávamos, são pertença dos pescadores e servem para a pesca. Todas elas tinham, junto à cabana, um "aramenho" género de um camaroeiro gigante que eles mergulham na água e que, passado algum tempo, recolhem com o peixe. Esta é também uma região de enguias e de mexilhão, as famosas "moules". Em todos os restaurantes se vêm anunciados pratos de enguias e mexilhão.

Hoje, o nosso jantar teve, como entrada, 6 ostras para cada um, temperadas apenas com sumo de limão, fresquinhas!... Que maravilha!... Ainda temos outra dúzia para amanhã.





Uma moradia em Bourgneuf e o edifício da Mairie

A vila tem uma população de cerca de 3 000 habitantes que vivem, essencialmente, da agricultura, da criação de gado, da pesca, da extração de sal e de alguns serviços, incluindo o turismo. A cultura da vinha e a floresta, mais para o interior, também são atividades dos habitantes de Bourgneuf.




Uma zona de lazer junto ao lago




Esta é a área de repouso onde ficámos, junto ao posto de turismo. O estacionamento é bom e quando chegámos já lá se encontravam cerca de 20 ACs.




Capela de Prigny





Les Moutiers (na 1ª foto) é uma estância balnear muito procurada para a prática de desportos náuticos. Na 2ª foto vemos um dos pesqueiros que se encontram ao longo da costa, entre Les Moutiers e Port-du-Collet.





Mais fotos dos pesqueiros



O cais de Port-du-Collet



…e aqui estão as ostras




As salinas no Marais Breton funcionando de uma forma muito artesanal para lembrar os tempos em que esta região fornecia grandes quantidades de sal para os países do norte da Europa. Esse sal era transportado em grandes navios que o vinham carregar ao Golfo da Bretanha que ocupava esta região e que, em função das grandes cargas transportadas, foi modificando a geografia da paisagem até se transformar nos terrenos alagadiços que hoje encontramos.






Imagens do marais breton

Hoje fizemos cerca de 40 km de mota mas a AC não saiu do lugar. Vamos ficar aqui hoje e amanhã. Depois de colocar o pneu novo, seguimos. Hoje aprendemos com um companheiro que aqui passou e tem também uma AC e já teve uma experiência de rebentamento de pneus como nós tivemos, que os pneus devem ser mudados de 5 em 5 anos, independentemente do rasto que tiverem e de 2 em 2 anos devemos trocar os de trás para a frente e vice-versa. Estes carros, por vezes, estão parados por longos períodos, como o nosso, os pneus têm bom rasto mas estão velhos e não oferecem segurança, sobretudo em viagens longas. Estamos sempre a aprender… Agora já são 11h45, já tomámos um belo banhinho e vamos descansar…





E foi assim que ficou o nosso pneu… Como se pode ver o rasto ainda estava muito bom…

9º Dia – 24 de Maio de 2013

BOURGNEUF-EN-RETZ – BARRAGEM DE ARZAL – 97 km

De manhã, assim que nos preparámos, dirigimo-nos à oficina para saber se já tinha vindo o pneu. Já lá estava e procedeu-se logo à sua colocação na jante e à substituição pelo que tínhamos colocado quando rebentou o 1º. Assim, agora, ficámos com 2 pneus novos atrás e os 2 iguais porque o modelo que nós tínhamos já não se fabrica… tão antigos eles já são!... Enquanto procediam a estas operações, fui até ao posto de turismo que funciona no local onde pernoitámos mas que ontem esteve fechado por ser dia de descanso do pessoal e aproveitei para utilizar a net: 1h – 3€.

Consegui falar com a família, pelo skype e enviar uns mails para amigos, além de receber o correio. Foi bom!

Uma vez que estávamos na hora de almoço e tínhamos ali bom estacionamento, fizemos o almoço, almoçámos e partimos para mais uma etapa. Passámos ainda pela casa das ostras e comprámos mais 1 dúzia e 1 kg de mexilhões, tudo por 7,80€

Seguimos depois para Pornic mas as dificuldades de estacionamento fizeram-nos seguir viagem e atravessando a ponte de S. Nazaire sobre o enorme estuário do Loire, passámos por S. Nazaire, grande cidade portuária. Claro que não podemos parar em todas as terras por onde passamos e preferimos aquela que têm maior interesse histórico ou paisagístico, por isso, fugimos dos grandes centros, sobretudo dos mais industrializados.





A ponte de S. Nazaire e a enorme zona portuária no estuário do Loire.

Quando a atravessámos fazia-se sentir uma forte ventania pelo que foi necessário circular com alguma precaução.

Continuámos para La Baule e daí para Guérande, vila medieval, muito bem conservada e com características muito próprias desta região da Bretanha.

Gostámos muito, tem uma enorme catedral com vitrais lindíssimos e as casas e ruas apresentam uma arquitetura própria da época medieval e desta região. O burgo antigo é todo rodeado por altas muralhas com torreões, possuindo 4 portas de entrada. As muralhas, assim como as construções no seu interior, estão muito bem preservadas e vivem principalmente para o turismo.







La Baule




Guérande é terra de sal, terra de “marais salants” onde se recolhe o famoso sal de Guérande . Comprámos um saquinho de flor de sal e um outro de sal para assinalar a passagem por estas terras.














A LA MAISON BRETONNE



Pensámos ir dormir em Muzilac mas, no caminho, passámos pela Barragem de Arzal onde existe uma grande marina de barcos de recreio, sobretudo veleiros. É um local muito agradável, tem grandes parques de estacionamento zonas ajardinadas e de piquenique e uma zona comercial com vários estabelecimentos, incluindo restaurantes. Resolvemos ficar aqui pois o espaço é muito amplo, sossegado e achámos que ficamos bem. Jantámos metade das “moules”, ostras, e pão torrado com Becel, uma salada de alface e marmelada da Paula, à sobremesa. Bebemos um Nescafé para terminar. Depois fomos dar um passeio pela zona. A estrada sobre a barragem abre-se num canal e é formada por uma ponte levadiça que levanta para a passagem dos barcos. Tivemos a sorte de assistir e fotografar.





Aqui está a estrada que passa por cima da barragem e na 2ª foto vêem-se as cancelas e, nesta altura a luz verde do semáforo acesa. Passados uns minutos o semáforo ficou vermelho e a estrada levantou para passar um barco.









E lá vai o veleiro a passar e os carros parados na estrada à espera que a ponte baixe.









A barragem de Arzal tem , na verdade, boas condições para o lazer e o descanso, sobretudo para quem lá tem os seus barcos e tem gosto pelas atividades náuticas. Não é o nosso caso e, por isso, amanhã seguiremos a nossa viagem.

10º Dia – 25 de Maio de 2013

BARRAGEM DE ARZAL A CONCARNEAU – 206 KM

Eram cerca de 10 h quando deixámos o estacionamento na Barragem de Arzal (5 *****) e seguiremos para Muzilac onde tínhamos pensado pernoitar na AS do parque do Super U mas, sem dúvida, ficámos muito melhor na barragem de Arzal. Muzilac é uma terra sem grande interesse, tem uma grande zona comercial e industrial mas, de resto, não vimos monumentos ou qualquer outra coisa que nos despertasse a vontade de ficar mais algum tempo.





A igreja de Muzilac foi o único monumento, digno de registo, que descobrimos no breve percurso que fizemos pela povoação.

Passámos por Vannes e seguimos para Locmariaquer, uma povoação de ruas estreitas, poucos estacionamentos ou nenhuns, enfim, daquelas terras onde um carro da dimensão das AC têm certa dificuldade em circular. Seguimos até ao porto onde havia possibilidades de estacionar mas essas zonas estavam vedadas com correntes… Enfim… nada a fazer nestes casos senão deixar o carro fora da povoação. Fomos até à zona das praias e aí, onde não há casas, já encontrámos parque para ACs. Foi aí que almoçámos. Depois, numa volta que demos à beira mar, vimos inúmeras pessoas com botins de borracha, baldes e ancinhos na mão, na apanha de ostras e mexilhões. Estava na maré baixa… Quando a maré começou a subir ei-los de regresso às ACs e aos automóveis com o marisco que apanharam em sacos ou baldes. As praias não são bonitas como as nossas

e devem ser utilizadas, sobretudo, para a pesca e apanha do marisco. São praias de areias escuras, lodosas e muito sujas…









Depois, queríamos seguir junto à costa para Carnac, até Port Louis mas o GPS mandou-nos pela autoestrada e. antes de Port Louis, desviámos para Hennebont, uma pequena cidade de que gostámos muito. Tem uma antiga e bem conservada muralha que envolvia o burgo antigo e sobre a qual se pode andar, observando a cidade e os seus jardins. A muralha está muito bem conservada e cuidada, apesar de a cidade ter sido fortemente bombardeada em Agosto de 1944, pelos alemães que tinham uma base naval em Lorient. Nalguns pontos a muralha chega a ter 4 m de largura. A zona a percorrer termina junto de uma das portas de entrada, do séc. XIV ladeada por dois torreões enormes, onde funcionava a antiga cadeia.

Após a guerra, a cidade passou por um notável desenvolvimento, sendo declarada Cidade de Arte e História.

Visitámos a catedral de Notre Dame du Paradis cuja torre sobressai por entre o casario da cidade.







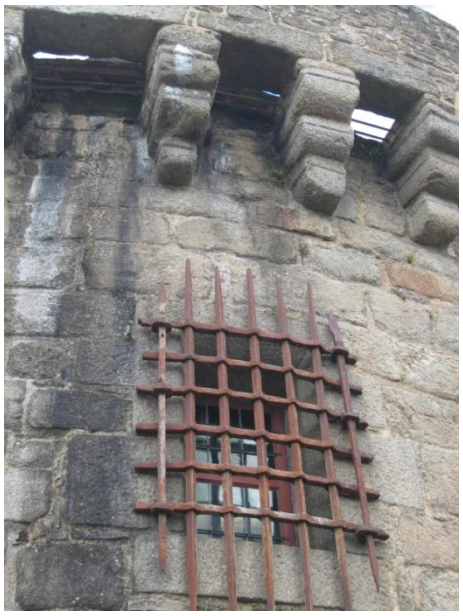






Hennebont é uma cidade agradável para visitar, não só porque temos facilidade de estacionamento mas também porque o seu património histórico e arquitetónico é muito rico e forma um conjunto bastante agradável com a paisagem natural onde está inserido.

A cidade cresceu nas margens do rio Blanet que lhe dá beleza.









Seguimos depois para Port Louis e daí para Lorient e Port Aven (terra das famosas galetes…), zona muito bonita…





Em Concarneau visitámos a “ville close”, a primitiva cidade medieval, amuralhada, situada numa pequena ilha junto a Concarneau e à qual se acede por uma pequena ponte.













Inicialmente a cidade era um aglomerado de casas de pescadores e algumas casas pertencendo a famílias mais abastadas, cercada de muros de pedra, mas cedo as forças militares consideraram que o local era um

ponto estratégico para defesa de um eventual desembarque inimigo e reforçaram as muralhas da cidade.

Com o decorrer dos anos, tornou-se numa importante praça defensiva que, hoje, nos encanta pela sua beleza.








A vila medieval fica dentro das muralhas, com as suas casas de granito, ruas empedradas, muito comércio, restaurantes, cafés… Lá fica, também, o Museu da Pesca. É uma zona muito bonita com um porto de barcos de recreio onde se encontram muitas embarcações.

Estamos num parque para ACs, junto à Gare, pago (4 €/noite e que não fica muito longe do centro. GPS: 47º 52’ 43’’ / W 03º 55’ 14’’

11º Dia, domingo, 26 de Maio de 2013

CONCARNEAU A LANDERNEAU – 136 KM

O local de pernoita também foi sossegado apesar de se encontrar repleto de autocaravanas mas, regra geral, o pessoal das ACs é civilizado e respeitador das regras de boa convivência e respeito mútuo. Eram cerca de 10 h (não somos madrugadores…) quando saímos de Concarneau para Benolet, região muito bonita, com bastante floresta mas também com searas de trigo, pastagem e campos semeados de milho ainda com poucos cms. Tudo muito verdejante. Passámos por uma povoação – La Forêt Fouesnant – onde havia uma feira. Resolvemos parar e fazer algumas compras, sobretudo pão que não tínhamos. Percorremos a feira e começámos a ver grupos de jovens com trajes típicos da Bretanha. Fomos até junto deles e verificámos que era um encontro de grupos etnográficos que ia fazer uma representação. Ficámos para ver e gostámos muito. Música e danças celtas, tocada por crianças e jovens.





Esta povoação fica junto à costa e tem também um porto de mar e uma zona histórica onde fica o Porto velho.






Depois de termos assistido ao espetáculo, que nos encantou, seguimos para Banolet, uma pequena vila que fica junto a uma baía de águas muito azuis. Tudo muito limpo e sossegado nesta época do ano mas, porque era domingo, tudo estava fechado, até o museu. Seguimos, então, para Quimper, capital da Cornualha. Deixámos a AC estacionada num parque junto à Gare e fizemos o percurso, até ao centro, a pé. Não é muito distante…..




O rio Odet que atravessa a cidade, é cruzado por várias pontes que habitualmente se encontram floridas. A cidade possui vários jardins que a tornam mais atraente e, do monte Frugy , tem-se uma vista maravilhosa sobre a cidade. Ficámos encantados com a magnífica catedral gótica de S. Corentin (séc. XII a XIV).



Percorremos, depois, o centro histórico, rodeado de muralhas, construídas desde o séc. XIII para formar, na Idade Média, uma cidadela organizada em redor da Catedral. Junto à Catedral fica o antigo Palácio dos Bispos que hoje alberga o Museu Bretão. As ruas do centro histórico mantêm, em muitas zonas, o pavimento primitivo e as casas com traves de madeira, tão características de algumas regiões de França, sobretudo da Alsácia e Bretanha, também se encontram em grande número e em perfeito estado de conservação.





Quimper é famosa pela sua faiança e, no largo fronteiro à Catedral, encontra-se um edifício cuja fachada está totalmente decorada com loiça quimperiana.







Quimper é uma cidade bonita cheia de arte e história.

De Quimper seguimos para Locronam, cidade medieval muito bonita com uma arquitetura dos séc. XV a XVIII onde não há vestígios de modernidade. Locronam mantèm vivos os traços arquiteturais, as tradições e os usos de há 6oo anos. Percorremos as suas ruas onde parece que recuamos no tempo e somos transportados aos tempos da época medieval. A par de muito comércio tradicional (criado especialmente para o turismo) existem vários ateliers de artesãos. Num deles, encontrámos um porta colheres, utensílio em madeira, em forma de círculo com orifícios para colocar as colheres e que se colocava sobre a mesa, suspenso por uma roldana que descia quando se queria usar a colher. As colheres eram de madeira e cada um tinha a sua, por isso eram personalizadas. Não se usavam garfos, comia-se tudo com a colher ou à mão. Cada um tinha a sua colher e, quando acabava de comer, limpava-a à manga e arrumava no porta colheres. Quando iam a uma festa (casamentos, etc.) cada um levava a sua colher e, nos 3 dias de boda, guardavam-nas no bolso, depois de a limpar na manga e por isso havia colheres articuladas. Quando um rapaz

queria pedir uma menina em casamento, escolhia essas ocasiões de festas e oferecia-lhe uma colher, normalmente decorada com 2 corações. Estas são chamadas “cuilléres de mariage”. É curioso conhecermos estes usos e costumes dos povos por isso, sempre que temos oportunidade, gostamos de ouvir estas explicações que nos foram dadas pelo artesão que fazia as colheres.





Numa créperie tradicional comi um delicioso “crepe de blé avec pommes et tatin”, feito na hora e servido com todo o requinte, bebi um chá verde com menta e o velhinho bebeu uma cerveja Duchesse, artesanal, uma especialidade. Esta cerveja foi feita em homenagem à Duchesse Anna que casou com 2 reis (Luis XII e Carlos VIII, de França,(suponho que casou com o 2º depois de enviuvar do 1º…), foi rainha duas vezes.














Em Locronam há uma AS mas terminámos a visita ainda cedo, resolvemos continuar viagem até Landerneau.

12º Dia – segunda feira, 27 de Maio de 2013

LANDERNEAU A PLERIN (S. BRIEUX) – 184 KM

Ficámos na As de Landerneau que era muito boa, junto aos campos de jogos, local sossegado, embora perto da estrada. O acesso faz-se através de uma cancela que abre após efetuarmos o pagamento na máquina, (5 € com direito a eletricidade). Após o pagamento sai um ticket com um código e esse código é que é introduzido na cancela para proceder à sua abertura. Tem espaços marcados para o estacionamento e tem tomadas de eletricidade acessíveis. Situa-se na Rue du Calvaire GPS: N 48.44653 / W 4.25768 O local era tão sossegado que só acordámos às 10h30.

De manhã fomos visitar a cidade que tem uma ponte habitada (tal como em Florença, a ponte Vecchio) – é a ponte de Rohan, sobre o rio Elorn, que foi reconstruída em 1510.





Ponte de Rohan vista a montante do rio e por onde se circula

Com muita pena nossa, à 2ª feira, em França, há muita coisa fechada, sobretudo nestes locais de turismo e aqui sucedeu-nos isso. O posto de turismo também estava fechado, muitos estabelecimentos, as igrejas, museus, etc. Landerneau tem uma grande catedral que só pudemos ver por fora por se encontrar fechada. Tem uma zona antiga com típicas casas em pedra mas aqui já predomina o xisto.













De Landerneau seguimos para Landivisiau por uma estrada muito bonita, sempre ao longo do rio, muito verdejante e com grandes áreas de floresta.

É uma região, também, muito bonita. Almoçámos em Landivisiau no parque do Leclerc, onde fizemos umas compras de que necessitávamos.

Passámos , depois, por Morlaix, cidade com bonita arquitetura, muitas zonas ajardinadas e muito limpa como, aliás, toda a Bretanha. De Morlaix desviámos para Ploumanach na costa de granito rosa. Passámos por uma linda aldeia Trégastel – onde visitámos uma igreja antiquíssima, talvez do séc. XII ou XIII e o Calvário. A igreja estava aberta mas não se via ninguém nas ruas. O granito rosa, aqui, é utilizado na construção das casas, dos muros ou, simplesmente, na decoração das mesmas.









Ploumanach é uma povoação, junto ao mar, fica numa enseada onde se situa um porto de mar com capacidade para muitas embarcações. Tem um parque de esculturas em pedra, sobretudo granito. Visitámos o parque onde apreciámos os belos trabalhos que ali se encontram.




Ploumanach e Perros Guirec ficam nesta costa mas não são amigas dos autocaravanistas porque, por todo o lado, se encontram sinais de proibição de estacionamento de ACs. Pensámos ficar em Pampoil mas a AS é no largo da feira, junto ao porto e estava cheia de camions e caravanas dos feirantes. Demos por mal empregue este desvio pela costa de granito rosa. Fomos para S. Brieux onde estamos na AS de Plerin, junto ao mar, na foz do rio. GPS: N 48.53099 / W 2.72477 (grátis) É uma zona muito bonita com muita vegetação e colinas que descem até à água. Encontram-se lindas vivendas. Aqui, as marés alteram rapidamente e se num momento está maré baixa, quando chega a hora de mudar, as águas sobem a uma velocidade espantosa. Depois do jantar fomos dar uma voltinha junto ao mar, até ao farol de entrada na barra e às 22h ainda fizemos fotos sem flash. Agora são 23h e começou a chuviscar.







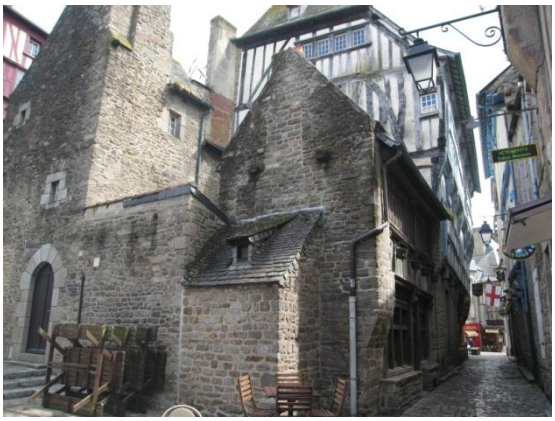


13º Dia – terça feira, 28 de maio de 2013

S. BRIEUX A CANCALE – 119 KM

Choveu durante toda a noite, não uma chuva muito forte mas sempre certinha. Foi muito agradável, para adormecermos, ouvir aquela doce melodia que os pingos de chuva fazem ao cair no teto da AC. Saímos de Plerin pelas 9h30, passámos por S. Brieux, cidade que se estende pelas encostas, junto aos rios. É atravessada por dois vales onde correm os rios Gouet e Gouedic, o que motivou a construção de várias pontes e dois enormes viadutos. Fica situada junto à baía a que deu o nome. Devido à configuração do terreno e ao clima ameno de que desfruta, tem zonas muito arborizadas e bastante vegetação, sobretudo nos arredores da cidade. Seguimos depois para Dinan, cidade que se desenvolveu em redor da vila medieval, amuralhada, de ruas estreitas e casas antigas, em pedra

e madeira, com sinais de ter sido uma importante povoação onde o comércio e os artífices da época exerciam a sua atividade.

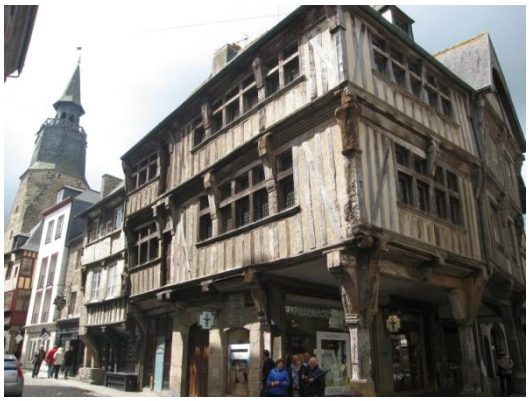


Dinan fica junto ao rio La Rance e constituía um antigo e importante porto fluvial. O porto ainda hoje existe mas para barcos de recreio e, a partir dele, é possível fazer passeios de barco até à barragem de La Rance. Junto à barragem actual existe uma antiga barragem com moinho de marés.

A vila tem cerca de 3 km de muralhas, 12 torres e 5 portas. Percorrer as suas muralhas e daí apreciar a vista intra e extra muros é, sem dúvida, um passeio agradável mas não o pudemos fazer porque o tempo esteve instável de manhã e caíram alguns aguaceiros que nos obrigaram a abrigar dentro dos estabelecimentos ou nas suas esplanadas.








Percorremos as ruas estreitas apreciando os edifícios antiquíssimos com detalhes que fazem o encanto destas vilas: portas de entrada com mais de 300 anos, gárgulas com, possivelmente, mais de 500, assim como pilares, janelas e varandins com madeira tão antiga que nos surpreende como ainda se conservam, exercendo as funções para as quais foram criados




Da arquitetura religiosa visitámos a Basílica de S. Salvador que foi construída no séc. XII e segundo uma crónica da época a sua construção é atribuída a Riwallon de Dinan, um guerreiro que se tornou ilustre durante a 1ª cruzada na Terra Santa. Nessa crónica contam-se as suas recambolescas aventuras e a promessa de fazer construir uma igreja em Dinan se voltasse são e salvo. Só uma parte da igreja é do séc. XII. O resto é do séc. XV e XVI.



De destacar também a Torre do Relógio, um dos edifícios emblemáticos de Dinan

De Dinan seguimos para Dinard, importante zona balnear, considerada o coração da costa esmeralda. Nela se encontram belos palacetes com lindos jardins. Depois de um passeio pelas principais ruas e junto à praia, continuámos a viagem para S. Malo, grande porto de mar com uma história milenária e deslumbrante. Tem elevado movimento de navios de grande porte e inúmeros barcos de recreio de gama elevada. A cidadela situa-se dentro de muralhas antiquíssimas reconstruídas no séc. XVIIIl sob a direção de Vauban, tendo a cidade sofrido grande destruição durante a 2ª guerra mundial e sendo, novamente, recuperada após esse acontecimento. Saint Malo é uma das joias da bela costa Esmeralda e uma das principais cidades da Bretanha, hoje, também importante estação balneária apreciada pelo grandioso espetáculo das marés, das corridas náuticas e dos inúmeros eventos culturais. Percorremos todas as muralhas em redor da cidadela, numa extensão de alguns kms, com uma vista deslumbrante sobre a cidade intra muros, os portos e as pequenas ilhas que se encontram junto à costa, onde se situam antigos fortes defensivos. È conhecida pela “cidade dos corsários”.













Do seu passado glorioso, S. Malo conserva numerosos monumentos históricos, a maior parte deles, reconstruídos. De entre os mais visitados, encontram-se a catedral de S. Vicente, o castelo ducal, o túmulo de Chateubriand e a torre Solidor.











A baía de S. Malo recebe as maiores marés da Europa na primavera e no outono. Elas atraem grande número de visitantes que procuram admirar o espetáculo magnífico. Na foto a cima podemos ver, na maré vazia, inúmeros pequenos barcos "em seco", enquanto o grande navio se encontra já em águas profundas.



Esta foto tirámos na entrada de um estabelecimento comercial, uma bela alusão à cidade dos corsários.

De S. Malo continuámos a nossa viagem para Cancale onde estamos na AS

GPS: N 48º 40.160 / W 1º 51.892

(6€/dia –até ao 3º dia; luz (55 mn) + água (100 l) – 3€)

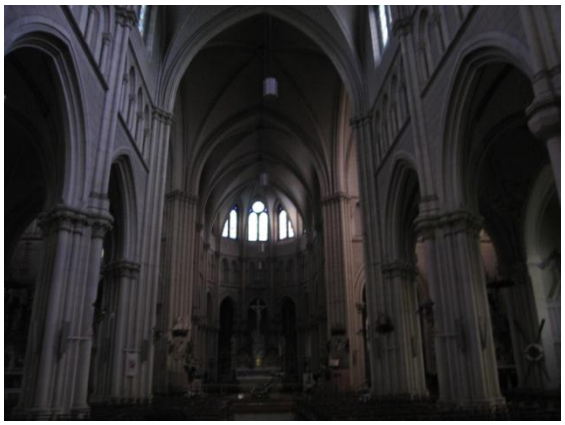
14º Dia – quarta feira, 29 de Maio de 2013

CANCALE A MONT-ST.-MICHEL – 49 KM

Choveu durante a noite mas, de manhã, embora o céu estivesse muito nublado e a temperatura baixa, só uns chuviscos se fizeram sentir de vez em quando. No entanto, não foram impedimento para que dessemos uma bela volta de mota por Cancale. Fomos até ao centro da cidade, visitámos

a catedral, estilo gótico simples, séc. XIX, bonitos vitrais, altar de homenagem aos mortos no mar.









Depois fomos até ao porto, Port de La Houle, repleto de esplanadas, restaurantes e hotéis. Cancale é famosa pela pesca, quer seja a pé, junto à costa, por altura das grandes marés, ou ao largo. São famosas as ostras e mexilhões de Cancale. O porto desenvolveu-se junto às falésias de La Houle que oferecem condições de abrigo dos ventos dominantes. No séc. XVIII é atacada muitas vezes pelos ingleses por isso foram construídos vários fortes junto à costa. No séc. XIX a proteção do porto foi assegurada com a construção de 2 diques.. Na Praça da República encontra-se uma estátua em bronze, em homenagem às lavadoras de ostras.



A AS fica um pouco distante do centro mas com a nossa motoreta

conseguimos ver tudo sem nos cansarmos muito.

Após o almoço, saímos para o Mont-S.-Michel, seguindo sempre pela estrada que contorna a baía e que se chama mesmo “Route de la Baie du Mont-St.-Michel”. É uma estrada bonita em que o mar se espraia ficando, na maré baixa, a alguns quilómetros da costa. Há extensos prados, alguns deles inundados por marés em determinadas épocas do ano e, por isso, são denominados de “prados salgados”, sendo muito apreciada a carne dos cordeiros que lá são criados. É também uma zona de bastantes moinhos e de muitos cavalos que pastam nos imensos prados.









Chegados às imediações do Mont-ST.-Michel, procurámos a Área para ACs de que tínhamos referência mas, sem sabermos porquê, a máquina não aceitava o nosso cartão multibanco. Ao cabo de várias tentativas resolvemos seguir até ao Mont-St.-Michel, cerca de 3 km mais adiante. Aí foi-nos pedido 25€ para estacionar num parque. Como tínhamos visto uma outra área a cerca de 5 km, resolvemos voltar para trás e ver como era. Em boa hora o fizemos. A área é espetacular, junto a um resort de férias e fazendo parte do mesmo, é a Village de Gîtes de L’Anse de

Moidrey GPS: N 48º 34.718 / W 1º 30.939. E è mais barata que a outra que não aceitou o cartão. Esta, são 8€ e a outra eram 12,5€.

Tirámos a mota e fomos até ao Mont que se situa numa ilhota granítica na imensa baía com o mesmo nome, na região da Baixa Normandia, mesmo no limite entre a Bretanha e a Normandia.





A Baía constitui uma vasta extensão de prados salgados e de pólderes, sofrendo uma enorme amplitude de marés. Dizem que, aqui, as marés sobem ou baixam à velocidade de um cavalo a galope… Hoje, o Mont só fica cercado de água e volta a ser uma ilha nas grandes marés equinociais, 53 dias por ano, durante algumas horas mas estão em curso grandes obras, para lhe devolver a condição de ilha. Já se encontra completa uma nova barragem no Couesnon (rio que desagua junto ao monte), e estão a proceder ao recuo do dique/estrada que nos leva à ilha e do parque de estacionamento. Nos vários painéis que lá se encontram com a explicação das obras, prevêm que se encontrem concluídas em 2015.

Diz a lenda que foi a pedido do Arcanjo S. Miguel que o bispo de Avranches mandou construir a 1ª igreja no alto do rochedo, no ano de 709. Passados 200 anos estabeleceu-se lá uma comunidade beneditina e, ao longo dos séculos, as construções foram crescendo, surgindo nos séc. XII e XV necessidade de amuralhar o vilarejo que entretanto se foi formando para o defender dos ataques inimigos.

Após passarmos na porta de entrada das muralhas, percorremos as ruas estreitas, apreciámos as casas em pedra, muitas delas classificadas como monumentos históricos, visitámos pequenos museus locais, algumas lojas de comércio turístico, uma pequena igreja incrustada no casario e

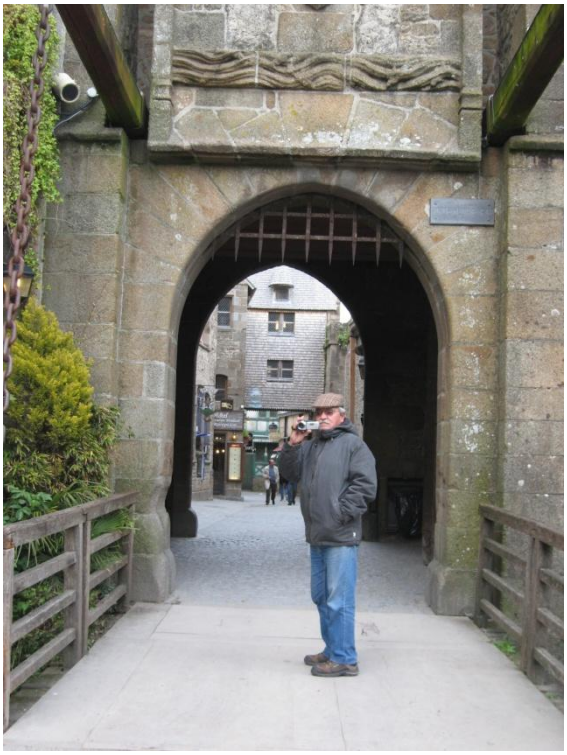
subimos até à abadia em cujo pináculo da torre mais alta se encontra a estátua do Arcanjo S. Miguel. Lá do alto a vista sobre a baía e as terras em redor é fabulosa.

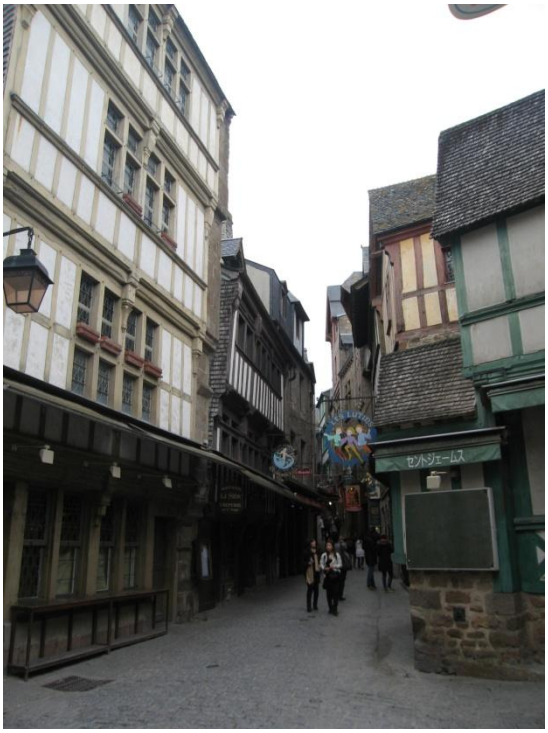






Logo à entrada, à direita, o restaurante La Mére Poulard, é uma referência pelo espetáculo que constitui o bater dos ovos para as omoletes que são uma das especialidades desta casa. Conseguem fazer música com a batida dos ovos nas enormes tijelas.










Visitámos tudo e resolvemos ficar até à noite para ver a iluminação do Monte. É, realmente, muito bonito. Há navettes que transportam as pessoas desde a zona da barragem, recentemente construída, para a entrada da fortaleza e que saem de 15 em 15 minutos. São grátis. Gostámos muito. Eram 23h30 quando regressámos ao parque, tomámos um belo banhinho quente (a AS tem umas belas instalações sanitárias com duches quentes) e dormimos que nem justos…

15º Dia – quintq feira, 30 de Maio de 2013

PONTORSON (MONT-S.-MICHEL)

Hoje, o dia amanheceu chuvoso e como, ontem, nos deitámos cerca das 2h da manhã, hoje, só acordámos às 11h. Resolvemos tirar o dia para descansar e fazer limpeza à Ac. Conseguimos o código da internet na recepção e mandámos alguns mails, tratámos as fotos que tirámos ontem e descansámos. Foi pena o dia estar frio e chuvoso e não podermos dar

uns passeios pelos arredores mas também foi agradável ficar a descansar e usar a net. Amanhã seguimos para a Normandia.

16º Dia – sexta feira, 31 de maio de 2013

PONTORSON A ST. MÈRE ÉGLISE – 133 KM







Estas fotos são da AS em Pontorson

Felizmente, o tempo melhorou e acordámos cerca das 9h com um sol radioso e o céu, com algumas nuvens mas muito azulinho. Depois de nos prepararmos e tomarmos o pequeno almoço, seguimos em direção a Granville, um porto de mar na baía do Mont-S.-Michel. Percorremos a vila com alguma dificuldade porque as ruas são muito estreitas e o porto situa-se na parte baixa, como é óbvio, desenvolvendo-se a povoação pela encosta e na parte alta.





Paisagem completamente diferente daquela que deixámos para trás, em que a planície é a perder de vista. De Granville fomos até à praia de S. Nicholas onde almoçámos, num belo miradouro sobre o mar e a povoação de S. Pair-s-Mer que tem uma linda praia com areia fina e o mar de um verde esmeralda fascinante.



Daqui, seguimos para Coutances, atravessando a Baixa Normandia, uma região muito bonita com campos verdejantes contornados por arvoredo ou arbustos que servem de vedação e limite das propriedades e dão uma enorme beleza aos campos. Nessas vedações encontram-se muitos carrapiteiros e páscoas que nesta altura do ano se encontram todos floridos com umas florinhas brancas. Toda esta região, entre Avranches e Coutances faz parte do maciço de Armor e é de uma grande beleza.

Coutances foi, para nós, uma agradável surpresa. Vimos, ao longe, as torres de uma enorme catedral e resolvemos ir visitar. É uma cidade com um vasto património histórico e arquitetural. A Catedral é o edifício mais emblemático, com belas flechas góticas no alto das suas torres, dominando toda a região em redor.





Há ainda as igrejas de S. Pedro e S. Nicolau, ambas em gótico. Coutances tem, também, um lindíssimo jardim, “Le Jardin des Plantes” que, a título particular, existia desde o séc. XVII. Em Janeiro de 1852, o então proprietário, lega o jardim à cidade, na condição de que ele seja público. Desde aí e segundo o projeto de um arquiteto e pintor, o jardim desenvolveu-se e cresceu, pelas mãos de jardineiros dedicados. Nele se encontram terraços à italiana, bosques à inglesa, labirintos e jactos de água. É uma beleza este jardim e um local de paz e serenidade.









Depois de visitarmos Coutances seguimos para St. Mère Èglise , primeira cidade a ser libertada pelos aliados, foi palco de sangrentos combates entre as tropas paraquedistas norte americanas e o exército alemão. Na torre da igreja ainda hoje se encontra um manequim vestido com o fardamento americano em memória ao paraquedista John Steele que, ficou preso na torre, sendo feito prisioneiro pelos alemães e mais tarde resgatado.

Ficámos na AS que se situa no largo da igreja, perto do Museu Airborne que vamos visitar amanhã.

17º Dia – sábado, 1 de Junho de 2013

STe.-MÈRE–ÈGLISE, UTAH BEACH, POINTE–DU–HOC, LA CAMBE E COLLEVILLE-S-MER – 91 KM









Tínhamos pensado ficar no Camping em Ste. Mère mas como, quando chegámos, já estavam várias ACs no estacionamento junto à igreja e ao museu, resolvemos ficar lá também para estarmos mais perto dos locais a visitar. Ontem já tínhamos percorrido a povoação e visitado os lugares mais significativos, inclusivamente a igreja onde se encontra um órgão memorial do DIA D e dois vitrais também comemorativos desse dia. Ste.-Mère-Église, um dos locais do Desembarque, é uma verdadeira lição de História e um autêntico museu ao ar livre onde cada recanto conta um episódio, não só da noite de 5 para 6 de Junho de 1944, mas também dos que se seguiram.







Deixámos a visita ao museu Airborne para hoje, para assim termos mais tempo. Aproveitámos a manhã para o fazer e, deste modo, tomámos contacto com alguns dos episódios mais marcantes da noite do Desembarque. Pudemos observar documentos, armas, fotos, objetos, uma centena de modelos em trajes da época, representando cenas do embarque, o planador Waco e o avião Douglas C47 que estiveram envolvidos na operação. Também assistimos a um pequeno filme sobre a operação Após o almoço seguimos para Utah Beach, depois de termos assistido à chegada de mais de 30 motards, todos em Harleys que estacionaram perto de nós e que depois encontrámos, ao longo da tarde, noutros lugares que visitámos. Também vimos vários carros militares, sobretudo jipes, que se deslocavam com os ocupantes fardados e com todos os aparatos que se usam em campanha. Um deles até trazia uma metralhadora anti-aérea, um paraquedas enrolado e uma série de pormenores como se estivesse em ação. Claro que são meras encenações mas não deixa de ser curioso e dá um certo realismo à História que recordamos nesses locais. Utah é uma das praias do desembarque, como parte da operação Overlord.

















Depois fomos a La Pointe du Hoc que foi um ponto estratégico das fortificações alemãs. A missão de a ocupar foi confiada ao 2º batalhão de Rangers. Apesar de nesta operação terem perdido a vida 135 Rangers, conseguiram chegar ao cimo da escarpa e tomar as baterias.









Daqui, seguimos para La Cambe onde se situa o cemitério alemão com 21 222 sepulturas num espaço de 7 ha (segundo indicação no local), totalmente relvado e com árvores de sombra que dão a este lugar uma paz e tranquilidade, no meio do silêncio que só é perturbado pelo chilrear dos pássaros. À entrada existe uma capela-monumento à qual somos levados através do Jardim da Paz, simbolizado pelas 1220 árvores que ladeiam a estrada e que têm a curiosidade de a sua copa ser de forma esférica.



Colleville-sur-mer foi o nosso destino seguinte, para visitar o cemitério americano mas, à hora que chegámos, já estava fechado, por isso, ficámos

no parque onde já estavam outras ACs e vamos dormir aqui tendo o mar como vista privilegiada. Amanhã visitamos este lugar onde repousam muitos soldados americanos que perderam a vida na Normandia para pôr fim a uma guerra que tantos estragos fez.

GPS: N 49º 21.472 / W 00º 50.994

18º Dia – domingo, 2 de Junho de 2013

COLLEVILLE-SUR-MER, PORT-EN-BESSIN, BAYEUX, LONGUES-SUR-MER, ARROMANCHES – 36 KM

A noite foi passada com muita tranquilidade e, de manhã, fomos visitar o cemitério americano, tal como tínhamos planeado. Este situa-se num local de excepção, junto ao mar, mais parecendo um jardim de paz, tranquilidade e repouso. Domina a praia de Omaha, numa extensão de 70 ha. É um espaço de meditação e saudade… Num imenso relvado, perfeitamente cuidado, encontram-se 9387 campas rigorosamente alinhadas e um "Jardim de desaparecidos" onde se encontram gravados os nomes de 1557 soldados





e uma enorme estátua com 7 m de altura, representando o "espírito da juventude americana que se eleva aos céus".



Logo à entrada temos o Centro do Visitante onde nos é explicada toda a operação Overlord no seu contexto histórico, rendendo homenagem ao valor, coragem e sacrifício da geração de combatentes da 2ª Guerra Mundial. Através de textos, slides, filmes, fotografias, ficamos a conhecer histórias pessoais impressionantes, algumas contadas na 1ª pessoa, outras testemunhadas pela família, amigos, companheiros…



Uma avenida central divide os 10 talhões das sepulturas. Em cada sepultura, uma cruz branca de mármore de Lasa com a inscrição do nome e data do nascimento e morte, sobressaindo na relva excepcionalmente cuidada. Há 9238 cruzes latinas e 147 estrelas de David. Frondosas árvores, arbustos e rosas bordam os talhões das campas. No centro do relvado há uma Capela. Há ainda duas grandes estátuas simbólicas, representando a França e os Estados Unidos. É um lugar impressionante mas onde se respira paz e serenidade.













Almoçámos no local de estacionamento e pernoita, após o que seguimos para Port-en-Bessin, um porto de mar que serviu como porto petroleiro, durante a guerra. Tem AS no parque do Super U (GPS: N49º 20.590 / W 0º 45.110) mas na povoação é difícil estacionar porque se encontram vários sinais de proibição para ACs. A zona do porto é interessante, fazem pesca e vendem peixe e marisco num Hall junto ao porto. Tem uma pequena praia e, como estava na maré baixa, vimos que o chão estava repleto de milhares de cascas de vieiras. Devido à configuração do terreno, esta zona é óptima para a prática de parapente.









Daqui, seguimos para Bayeux. Estacionámos na AS que fica relativamente perto do centro (GPS: N 49º 16’ 49.69’’ / W 00º 42’ 24.51’’). Visita à cidade que foi a 1ª cidade a ser libertada pelos Aliados. A Catedral é espetacular, estilo gótico, construída em várias fases. É uma obra imponente.









A parte antiga da cidade, nas ruas S. Martin, Rue des Cuisiniers e outras do centro histórico, mostra-nos um valioso património de casas em pedra com traves e suportes de madeira, casas solarengas com torre e palacetes. Em Bayeux encontra-se o Museu da Batalha da Normandia, o Museu da Tapeçaria onde se encontra a tapeçaria de Bayeux ou Tapete da Rainha Matilde, mulher de Guilherme, o Conquistador. Trata-se de um bordado em linho, com 70 m de comprimento, 50 cm de largura e 350 kg de peso, confecionado no séc. XI. As cenas do tapete narram em detalhe a

conquista de Inglaterra pelos normandos, chefiados por Guilherme, o Conquistador.

Bayeux tem um comboio turístico que percorre o centro histórico e os principais monumentos da cidade. Em Bayeux fica, também, o cemitério britânico que alberga 4 144 campas de militares ingleses mortos na libertação da Normandia. Feita a visita, continuámos para Longues-sur-Mer, onde se situam umas das mais importantes baterias de artilharia que faziam parte do Muro do Atlântico, um conjunto de fortificações defensivas que Adolf Hitler mandou construir ao longo da costa ocidental da Europa. Esta bateria era constituída por várias edificações em torno de quatro casamatas que abrigavam, cada uma, um canhão.









É um dos poucos lugares do Muro do Atlântico onde estes canhões são, ainda, os originais. Uma das casamatas e respetivo canhão foram totalmente destruídos pelos Aliados, apóss sofrerem um impacto direto dos canhões de um cruzador britânico, explodindo com todas as suas munições e desabando, em seguida. Esta bateria encontra-se numa falésia com 65 m de altura.

Como acabámos cedo as visitas que queríamos fazer resolvemos ir dormir a Arromanches, uma pequena vila que teve um papel importante para a vitória da batalha da Normandia por ter sido escolhida, devido à sua localização entre dois morros escarpados, para receber um dos portos artificiais utilizados na operação Mulberry, para o desembarque de tropas e equipamentos. Vestígios desses portos, ainda hoje podem ser observados na praia de Arromanches. É lá que se situa, também, o Museu do Desembarque, museu temático que tem como finalidade mostrar o funcionamento do porto artificial de Arromanches, ao mesmo tempo que situa no contexto do Desembarque. Hoje, a vila vive essencialmente do turismo. Depois de estacionar o carro na AS (GPS: N 49º 20' 20.54'' / W 00º 37' 31.90'') fomos dar uma volta pela vila e, à hora do jantar, parámos num restaurante junto ao mar para saborearmos as famosas moules. Comemos "moules à marinière" e "moules au cammenbert", ambas estavam muito boas, acompanhadas de "frites" (como eles chamam às batatas fritas) e de uma garrafinha de Thriologie, um vinho branco fabuloso… A noite estava fresca. Regressámos à Ac e dormimos muito bem.









19º Dia – segunda feira, 3 de Junho de 2013

ARROMANCHES, COURSEULLES-SUR-MER, OUISTRHEM, BÉNOUVILLE, CAEN – 59 KM





Saímos de Arromanches a meio da manhã, tendo como destino Courseulles-sur-Mer onde fica o Centro Juno Beach, junto à praia onde os canadianos desembarcaram e que nos mostra os seus feitos na batalha da Normandia. Aqui encontra-se também um bunker pertencente ao



Muro do Atlântico. Courseulles tem uma praia muito procurada no verão e uma marina com numerosos barcos de recreio e pesca.

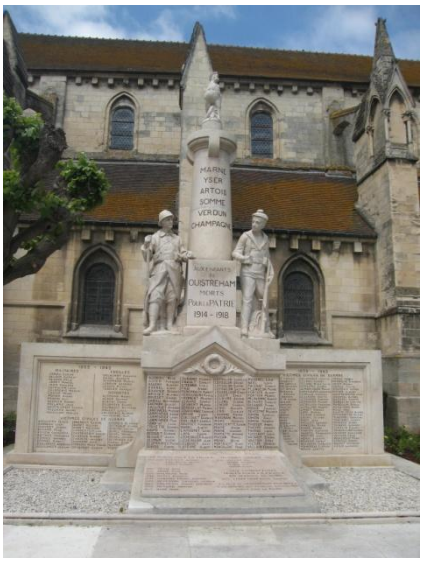


Almoçámos em Courseulles e seguimos, depois, para Ouistreham onde se situa o Museu do Muro do Atlântico ou Grande Bunker. Em Ouistreham existe um porto de



ferries com ligação a Portsmouth. A igreja de S. Sansão, do séc. XII, é um belo monumento.





Daqui, seguimos para Ranville onde fica o Memorial Pegasus ou Pegasus Bridge. Pegasus foi o nome dado à ponte que atravessa o canal Caen, em Bénouville, após ter sido tomada de assalto, durante a 2ª Guerra Mundial por tropas britânicas, transportadas em planadores, na madrugada de 6 de junho de 1944. O nome Pegasus deve-se à insígnia que os militares britânicos usavam nos seus uniformes: o cavalo alado Pégaso e foi este o nome de código que deram à operação que conduziu à tomada da ponte e à libertação daquela povoação. Junto à ponte encontra-se o Café Gondree que foi a 1ª casa a ser libertada e, hoje, é local de romaria de antigos e recentes militares e curiosos.





Esta é a Ponte Pegasus e, ao lado, o Café Gondree













Depois de visitar o Memorial Pegasus, seguimos para Caen que vamos visitar amanhã. Estamos no parque junto ao Memorial de Caen GPS: N 49.19934 / W 00.38598. O Memorial de Caen é um museu dedicado principalmente à História da 2ª Guerra Mundial. O bombardeamento de Caen em 1944 que levou à sua quase total destruição, o sofrimento da população, o desembarque aliado e as lutas travadas na batalha da Normandia, inspiraram este museu fundado em 1969 impulsionado por Marie Giraud.




Memorial de Caen

20º Dia – terça feira, 4 de Junho de 2013

CAEN A LISIEUX – 61 KM

De manhã, logo que acordámos, fomos visitar Caen e o seu centro histórico. Como estávamos a cerca de 4,5 km do centro, deslocámo-nos de mota. Fizemos a viagem sem dificuldade guiados pelo GPS que o "Macgyver" cá de casa instalou na mota, com muita categoria. Estacionámos junto ao Castelo, uma enorme fortaleza dentro de cujas muralhas se situam o Museu da Normandia, o Museu das Belas Artes e as ruinas do castelo residência de Guilherme, o Conquistador. Do alto das muralhas temos uma vista soberba sobre a cidade.





Perto do Castelo fica a Catedral de S. Pedro, magnífico trabalho de pedra em estilo gótico flamejante, mais espetacular no exterior que no interior, com excepção para o altar mor que é um autêntico rendilhado em pedra. O púlpito, em madeira nobre, também é uma peça artística digna de admiração.









Perto da Catedral existe uma torre, a torre Leroy que fazia parte das fortificações da cidade. Esta torre também serviu de prisão. Está construída em pedra de Caen, um material calcário extraído do solo da cidade.



Visitámos também a Abadia das Mulheres onde está o túmulo da rainha Matilde, e a Abadia dos Homens, hoje sede do município de Caen. Estes edifícios conventuais foram erigidos no séc. XI e reconstruídos no séc. XVIII. A igreja da abadia, joia das arquiteturas românica e gótica, aloja o túmulo do rei Guilherme.









Caen é uma cidade agradável, tranquila e com muitos espaços verdes. É conhecida pela "cidade dos 100 campanários" porque nela existem cerca de 40 igrejas. Esta cidade está fortemente ligada a Guilherme, o Conquistador que, na qualidade de Duque da Normandia, a escolheu para sua residência preferida por a considerar um ponto estratégico. Deste modo mandou construir um imponente castelo, ao mesmo tempo que mandava construir duas abadias: a Abadia dos Homens e a Abadia das Mulheres, em resultado de uma promessa que fez ao Papa para obter o perdão da Igreja Católica por ter desposado a sua prima direita, Matilde de Flandres. Guilherme tornou-se, mais tarde, rei de Inglaterra em 1066, depois da sua vitória sobre o anglo-saxão Harold na batalha de Hastings, tornando-se, assim, Guilherme, o Conquistador. É esta batalha que se encontra representada na tapeçaria de Bayeux.







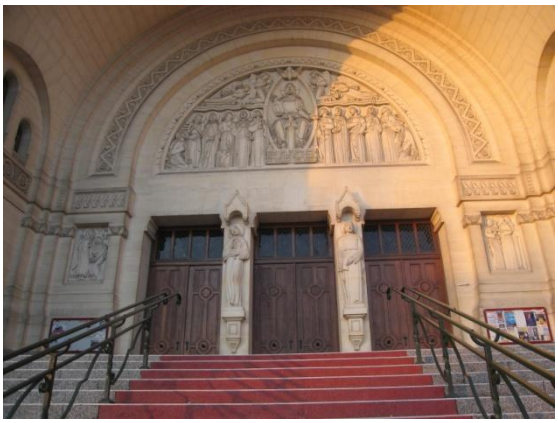
A foto ao lado mostra-nos o Bassin Saint Pierre, porto de recreio construído num canal que penetra na cidade a partir do rio Orne e do Canal de Caen. É um local muito aprazível que empresta grande beleza à cidade.

Ao fim da tarde iniciámos a viagem até Lisieux, terra de Sta. Teresinha do Menino Jesus.

Estamos no parque, junto à Basílica GPS: N 49º 08.475 / W 0º 14.065









21º Dia – quarta feira, 5 de junho de 2013

LISIEUX A CHARTRES – 140 KM

Ontem, quando chegámos a Lisieux, ainda fizemos as fotos anteriores no exterior da Basílica que, àquela hora (21 h) estava muito sossegada e com o sol, já em declínio, mas ainda a incidir sobre a encosta onde se situa a Basílica, dando-lhe um encanto especial.

Hoje, de manhã, fomos visitar o seu interior. Esta é uma das mais importantes basílicas erigidas durante o séc. XX. A sua construção começou em 1929 e as suas paredes interiores, assim como as da cripta, encontram-se revestidas de mosaicos que transmitem a mensagem de Sta.



Teresa. No transepto da basílica encontram-se as relíquias da Santa e na cripta, as de seus pais.





Sta. Teresa nasceu em Alençon, era filha de Louis Martin e Zélie Guérin, um casal muito devoto . Sua mãe morreu de cancro quando ela tinha 4 anos e seu pai mudou-se para Lisieux com as suas quatro filhas. Lisieux, cidade da Normandia, é hoje conhecida no mundo inteiro graças a Sta. Teresinha que ali viveu com o seu pai e irmãs. Entrou no Carmelo aos 15 anos e faleceu de tuberculose aos 24. Apesar da sua curta vida é considerada uma das maiores pensadoras deste século, tendo-lhe sido atribuído, pelo Papa João Paulo II o título de Doutora da Igreja, após ter sido santificada por Pio XI em 1925. Os escritos de Sta. Teresa, publicados 1 ano após a sua morte e traduzidos em mais de 60 línguas, exprimem a sua mensagem de santidade que, segundo ela, não se consegue através de sacrifícios extraordinários mas através de pequenos actos de amor, na vida quotidiana.

Em Lisieux há, ainda, as igrejas de St. Jacques e de St. Pierre. Que visitámos à tarde. Estilo gótico normando dos fins do séc. XII. Na Catedral de S. Pedro encontram-se vários objetos pertencentes a Sta. Teresa, uma vez que era a igreja que frequentava com a sua família antes de entrar para o Carmelo.













De Lisieux seguimos para Chartres onde chegámos ao fim da tarde. Ficamos no Parque de Campismo " Les Bords de l'Eure " e amanhã vamos visitar a cidade.

GPS do Parque de Campismo: N 48º 26.046 / E 1º 29.957

22º Dia – quinta feira, 6 de Junho de 2013

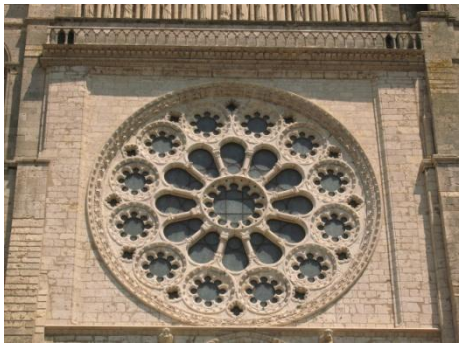
CHARTRES

Tínhamos pensado visitar Chartres durante a manhã e seguir viagem depois de almoço mas ontem resolvemos ficar mais um dia para descansar, fazer limpeza à AC e utilizar a Internet… e fizemos muito bem.

Como não nos levantamos muito cedo, só depois de almoço fomos para a cidade e, como o parque fica a cerca de 3 km do centro, fomos de mota que é a melhor maneira de chegar onde queremos sem problemas de estacionamento. O GPS tem funcionado muito bem, nestes casos, e basta cumprir as regras de trânsito para que tudo corra bem.

Chartres é conhecida, sobretudo, pela sua extraordinária catedral, declarada Património Mundial. Lugar de peregrinação e de fé, é testemunho da habilidade dos artistas que a edificaram nos séc. XII e XIII. As suas dimensões são grandes, tanto em altura como em área e é sublime pela sua estatuária e pelos seus vitrais pois possui a mais rica e mais antiga coleção de vitrais de França. Neles estão representadas várias cenas da Bíblia e da vida dos santos. Pela parte exterior do coro, um magnífico trabalho em estatuária, contando a vida de Cristo, é digno de admiração. Na Catedral pudemos ainda admirar uma santa relíquia "Véu da Virgem".











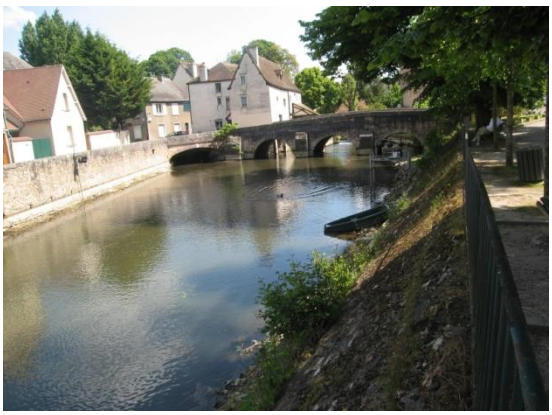

Na parte antiga da cidade, entre a Catedral e as margens do rio Eure, as casas de pedra da época medieval estão ao lado das mansões do Renascimento, com tabique de madeira. Ao passearmos nestas ruas estreitas e pitorescas podemos maravilhar-nos com algumas destas fachadas e moradias carregadas de história.











Ao fim do dia regressámos ao parque, a tempo de preparar o jantar, tomar um banhinho e descansar… Amanhã seguimos para o Vale do Loire.

23º Dia – sexta feira, 7 de Junho de 2013

CHARTRES A CHENONCEAU – 168 KM

Aproveitámos a manhã para colocar mais umas fotos no blog e fazer pequenos arrumos na AC.

Preparámos o almoço e, após almoçar, saímos em direção a Chambord. Atravessámos uma região muito bonita, seguindo pela “Route du Blé”. Na verdade, são imensas as searas que se encontram de ambos os lados da estrada, searas a perder de vista, ondeando com a brisa que se fazia sentir e, de quando em quando, pequenos bosques, muito frondosos, onde a caça se pode abrigar e fazer criação. Os animais andam tão à vontade que, numa seara à beira da estrada, vimos um faisão a passear descontraidamente e, mais adiante, outro. Os pombos bravos são às dezenas e, constantemente se vêm avisos na estrada informando do perigo de atravessamento de veados e corsas. Gostámos imenso do percurso de Chartres para Chateaudun e daí para Chambord, passando por Beugency.






A paisagem é muito agradável, pela frescura e a estrada é muito boa, com retas enormes e muito pouco trânsito, como se pode verificar. Quando entrámos no Domínio de Chambord, uma imensa reta ladeada de bela floresta, durante 6 km. Não se pode parar ou estacionar fora dos parques de estacionamento que são pagos. A estrada que atravessa o Domínio tem

cerca de 10 km. À hora que passámos já não era possível visitar o castelo por isso, resolvemos seguir para Chenonceau e visitar, antes, esse, chamado o “castelo das damas”.





Foto do castelo de Chambord e da estrada que atravessa o “domaine National de Chambord,



Foto da internet

O castelo, segundo dizem, é o mais bonito de todos os do Vale do Loire mas deixamo-lo para uma próxima viagem.

Tínhamos indicação de um outro companheiro de que, em Chenonceau, o estacionamento e pernoita eram grátis. Fomos para o parque de ACs e o lugar parecia-nos bom porém, estranhámos não estar lá nenhuma AC. Só então reparámos num aviso que informava que entre as 23h30 e as 7h da manhã, o estacionamento estava interdito. Resolvemos ir procurar um



lugar para pernoita e encontrámos, ali perto, em Chisseau, um sítio ótimo, junto à estação de caminho de ferro que está desativada. GPS: N 47º 19.802' / E 1º 04.147' O local é muito sossegado, situa-se num largo que era o parque de estacionamento da estação, quando esta tinha atividade. Mas, atualmente, quase não tem trânsito.

Ainda não contei uma peripécia que passámos antes de chegar a Chenonceau, devido a uma partida que o GPS nos pregou. Tínhamos posto as coordenadas que o outro companheiro deu do estacionamento de Chenonceau. Faltavam 400 m para chegar ao local quando o GPS nos mandou virar à esquerda. Era uma rua estreita mas como faltavam só 400 m, pensámos que seria só aquele bocadinho. Qual não é a nossa surpresa quando, 200 m à frente, aparece a linha do caminho de ferro e a passagem era por baixo, com uma altura de menos de 2 m e ainda mais estreita que a estrada. Impossível fazer inversão de marcha. A solução era vir de marcha atrás… os espelhos estavam a cm dos muros laterais, revestidos de trepadeiras. Uma odisseia de se lhe tirar o chapéu… O velhinho fez o doutoramento em condução de ACs… Noutras ocasiões já tinha feito o bacharelato e licenciatura mas esta… foi a mais difícil prova, neste aspeto, pela qual passámos. Foi de tal maneira que, quando chegámos à estrada, o boné que ele trazia na cabeça, estava completamente ensopado de transpiração. Mas conseguiu sair daquela difícil situação, sem tocar em nada e sem fazer um risco na Ac. Nos últimos metros tivemos a ajuda de uma moradora que nos facilitou a entrada na estrada principal indicando se vinha trânsito porque, mesmo que eu quisesse sair para fazer esse trabalho, não podia porque não tinha espaço para abrir a minha porta. Enfim, uma odisseia enorme. Valeu a calma do condutor nestas situações e a habilidade para manobrar o carro. Tudo se passou em bem, graças a Deus!...









24º Dia, sábado, 8 de Junho de 2013

CHENONCEAU A SAUMUR - 118 KM

O sítio onde pernoitámos era, realmente, muito sossegado e dormimos toda a noite muito bem. De manhã, mal nos despachámos, fomos para Chenonceau (mesmo ali ao lado) para visitar o castelo, o Castelo das Damas, mandado construir por Katherine Briçonnet sobre o rio Cher, no séc. XVI. Nele viveram Diana de Poitiers, Catarina de Médicis e Luisa de Lorena, deixando cada uma a sua marca no embelezamento do castelo ao mesmo tempo que a sua presença o foi preservando dos conflitos e das guerras, tornando-o um porto de abrigo e de paz. Somos conduzidos ao castelo através de uma lindíssima alameda de plátanos que transmite ao local uma grande frescura.






O castelo possui uma galeria de 60 m de comprimento e 6 m de largura que atravessa o rio Cher de uma margem à outra e servia de salão de baile.




A Torre dos Marques, isolada num grande pátio quadrado, à entrada do castelo é o torreão do antigo edifício medieval. O castelo, ricamente mobilado, está decorado com tapeçarias e pinturas antigas de grande beleza. Em Chenonceau, as divisões decoradas com arranjos florais de flores cultivadas nos jardins do castelo, conferem um requinte adicional ao conjunto.













O Castelo encontra-se implantado numa zona muito verdejante e possui lindos jardins de que se destaca o de Diana de Poitiers e o de Catarina de Médicis. Nos vários hectares que são propriedade do castelo encontram-se árvores seculares e lindas plantas.



Há também uma quinta do séc. XVIII onde procuraram recriar todas as atividades agrícolas dessa época e onde as flores crescem ao lado dos legumes e das hortaliças.






I

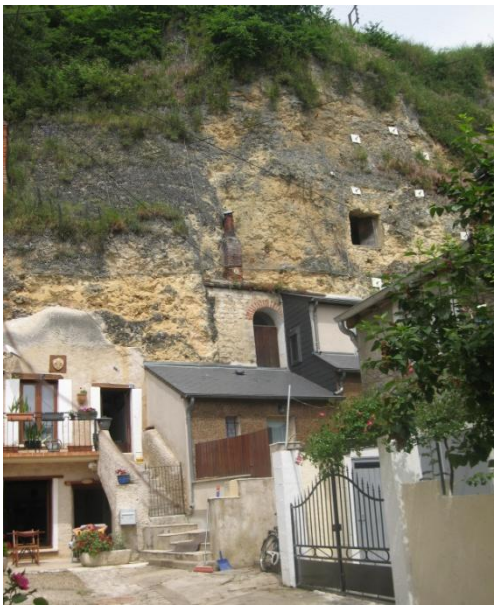



Gostámos da visita que só terminámos já depois das 13h.



Almoçámos e fomos para Amboise onde visitámos a parte da cidade junto ao rio e as ruas que se situam entre o castelo e Le Clo Lucé que foi moradia de Leonardo da Vinci durante os últimos anos da sua vida, pintando e trabalhando nas suas paixões. Aqui se encontram expostas

algumas das suas invenções Em Amboise vimos, também, as casas trogloditas (casas escavadas nas rochas)


















Pela cidade e nos locais mais concorridos, estavam instalados palcos onde várias orquestras tocavam bonitos trechos musicais. Avançámos, depois, para Villandry onde fizemos uma curta paragem para apreciar o castelo e os seus bonitos jardins mas somente pelo exterior.

Estamos em Saumur, na ASAC Dampierre-sur-Loire e amanhã visitaremos a cidade. GPS: N 47º 14.470’ / E oº 01.362’

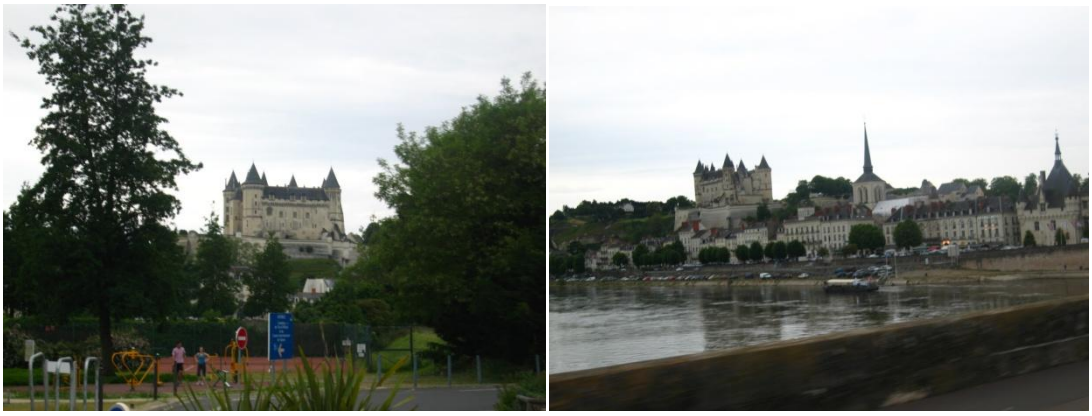
A chuvinha voltou… começou a cair uma chuvinha miúda e vai ser bom para descansarmos porque, hoje, estamos mesmo cansados… fartámo-nos de andar.

25º Dia, domingo, 9 de Junho de 2013

SAUMUR A ORADOUR-SUR-GLANE – 202 KM

Toda a noite choveu. Tínhamos pensado ir visitar Saumur, hoje, de manhã mas a chuva não parava e não era agradável ir de mota ou andar a pé pelas ruas, com a chuva a cair (a AS onde ficámos é a cerca de 3 km de

Saumur). Então decidimos avançar para Poitiers para irmos descendo enquanto a chuva não parava. Seguimos ainda alguns quilómetros ao lado do Loire e, nesta zona, também encontrámos algumas casas trogloditas.



Saumur



Estas casas trogloditas surgiram na Idade Média em todo o Vale do Loire e eram escavadas pelos pedreiros para extraírem das minas os materiais usados na construção dos castelos, acabando, depois, por usar essas

escavações para sua própria habitação e assim foram ficando, ao longo dos tempos.






Depois, na direção de Poitiers, atravessámos uma zona muito bonita, sempre muito verdinha e com imensas searas. Parámos, para almoçar, numa AS entre Saumur e Poitiers, em Chalais. Um ponto de paragem muito agradável, tem sanitários, local de mudança de águas, parque de merendas, restaurante e posto de venda de produtos do "terroir", tudo muito bem arranjado e limpo. Após o almoço, comprámos alguns produtos e seguimos.

GPS: N 46º57.532' / E 0º06.342'

Entretanto a chuva abrandou um pouco, passámos por Poitiers e continuámos para Oradour-sur-Glane, aldeia mártir que foi destruída pelos alemães e os seus 645 habitantes, mortos, no dia 10 de Junho de 1944. À hora que chegámos já se encontrava fechada, por isso, só visitaremos amanhã. Tem uma AS, onde nos encontramos GPS: N 45º 55.854 / E 1º 02.064





26º Dia – segunda feira, 10 de Junho de 2013

ORADOUR-SUR-GLANE A AUCH – 325 KM

Embora tivesse chovido durante toda a noite, de manhã, a chuva deu tréguas o que nos permitiu visitar a vila sem apanhar chuva.

Oradour-sur-Glane era uma pequena vila francesa que, em 1944, tinha cerca de 700 habitantes com as suas vidas organizadas e vivendo numa certa prosperidade, como se pode verificar pelo tipo de casas e os bens que possuíam. Naquela época, já havia na povoação um grande número de pessoas com automóvel e algumas das habitações tinham mais que um andar, gradeamentos e portões em ferro, aquecimento central, máquinas de costura, enfim, uma série de sinais de que não se vivia mal naquela terra. Havia posto dos correios, estação de caminhos de ferro (linha elétrica), 3 escolas, centro médico com vários médicos, dentista, cafés, hotel, mercearia, talho, padarias, lojas de tecidos já com grandes montras, enfim… uma série de estabelecimentos comerciais e artesanais. No dia 10 de Junho de 1944, faz hoje, precisamente, 69 anos, as tropas nazis cercaram a



povoação, separaram os homens e levaram-nos para 4 garagens da vila e aí os fuzilaram. Às mulheres e crianças, mandaram-nas reunir na igreja, dizendo que era para se protegerem da invasão das tropas aliadas (o desembarque da Normandia tinha sido na noite de 5 para 6 de Junho e ainda duravam as lutas pela libertação das terras que estavam em poder dos nazis) e, depois de estarem todas lá dentro, incendiaram a igreja e toda a povoação. Tudo ficou destruído, não há uma casa intacta. A única que ainda tem telhado e portas, é uma garagem (reparação de automóveis), mas só uma parte porque o local onde estavam os automóveis, ardeu completamente, com 7 ou 8 carros lá dentro. Ainda lá estão as carcaças… Na igreja, o espetáculo é desolador. Logo à entrada,



está uma peça enorme de bronze que não conseguíamos identificar porque derreteu completamente e, hoje, é uma massa informe. Soubemos, depois, que era o sino… O mesmo se passa com um crucifixo que devia ser também pia de água benta e é agora uma amálgama de ferros. Por todo o lado, nas ruínas das casas, se vêem objetos de uso doméstico mas só os de ferro conseguiram resistir, o resto, ardeu tudo!... Do massacre da igreja, escapou uma mulher que conseguiu fugir e se escondeu, o resto, assim como as crianças, morreu tudo…

Junto ao altar, ainda são visíveis os restos de um carrinho de bebé… Impressionante!...











Terminámos a visita já eram quase 2h da tarde. Almoçámos ainda em Oradour. Entretanto, começaram a chegar muitos carros e pessoas pois, à tarde, iriam decorrer cerimónias de homenagem aos mortos, tanto na igreja como no cemitério por ser o dia do aniversário do massacre mas nós resolvemos seguir viagem pois era assim que tínhamos destinado. A nossa intenção era ficar em Agen porém, não descobrimos nenhum camping e, como sabíamos que em Auch havia camping decidimos vir até cá.

Chegámos cerca das 20h. O camping tinha fechado às 19h e só poderíamos ficar na entrada. Resolvemos ficar, mesmo assim, mas estávamos mal instalados porque quando lá chegámos já lá estavam 2 ACs

e 1 estava muito mal estacionada. Ainda lá jantámos mas, depois do jantar e porque aquilo não nos estava a agradar, resolvemos ir andando e procurar outro sítio para ficar. Ainda dentro de Auch e um pouco mais à frente, encontrámos um grande parque de estacionamento onde estavam já duas ACs, direitinho, iluminado e sossegado. É aqui que ficamos, pensámos nós, e aqui estamos, num sossego que não se ouve nada. GPS: N 43º38.195' / E 0º 35.176' Place Marechal Lannes. Já conhecemos bem Auch e temos cá amigos que vínhamos visitar mas como soubemos, entretanto, que eles estão a passar uns dias de férias, na montanha, onde têm uma casa, combinámos ir lá ter com eles amanhã.

27º Dia – terça feira, 11 de junho de 2013

AUCH A REBOUC – 78 KM

Auch é uma pequena cidade, no Departamento do Gers. É a capital da região histórica da Gasconha e possui um núcleo antigo digno de visita. O seu principal monumento é a Catedral de Sta. Maria d'Auch, classificado pela Unesco Património da Humanidade. Digna de visita é, também, a Escadaria Monumental, construída em 1863 e que liga a cidade histórica à cidade nova. Possui 234 degraus, num desnível de 35m e conduz-nos desde a margem do rio até junto da Catedral de onde se pode desfrutar de uma bela panorâmica da cidade. No 1º patamar encontra-se uma bela estátua de D'Artagnan, o mais célebre dos gascões, capitão dos Mosqueteiros do rei, no reinado de Luis XIV, cujas emocionantes aventuras são descritas por Alexandre Dumas na obra "Os três Mosqueteiros".







Já visitámos Auch várias vezes e por isso, desta vez, a nossa estadia lá limitou-se à dormida. De manhã, procurámos uma florista onde comprámos umas flores para oferecer aos nossos amigos e seguimos para Rebouc. Parámos em Seissan para fazer umas compras no Intermarché e acabámos por almoçar também em Seissan. Findo o almoço, seguimos para Lannemezan onde fomos procurar uma oficina que nos mudasse o óleo do carro, uma vez que já estava na altura de o fazer. Fomos a duas que nos disseram não poder fazer nada pois tinham muito trabalho até ao fim de semana, só para a semana… Numa outra, não faziam esse trabalho, era só bate-chapas e pintura mas indicaram-nos onde podíamos ir. Lá fomos e, na realidade, fizeram-nos a mudança de óleo. Ficámos contentes e seguimos até Rebouc onde o Zé Bedulho e a Maryse nos esperavam. Grande alegria por nos encontrarmos e foi tempo de pôr a conversa em dia. À noite, o jantar, como não podia deixar de ser, foi servido , como de costume, com o que eles têm de melhor: entrada de Pruneaux d'Agen com presunto, no forno e também, melão com presunto; costeletas de cordeiro da montanha, grelhadas e acompanhadas com tomates à provençal; a sobremesa foi um belo pudim flan, feito pela Maryse e, claro, um vinho diferente para cada prato. Já ia avançada a noite quando nos deitámos, depois de termos passado um serão à conversa e a ver fotos da viagem que eles tinham feito há pouco pela Córsega.



28º Dia – quarta feira, 12 de Junho de 2013

REBOUC

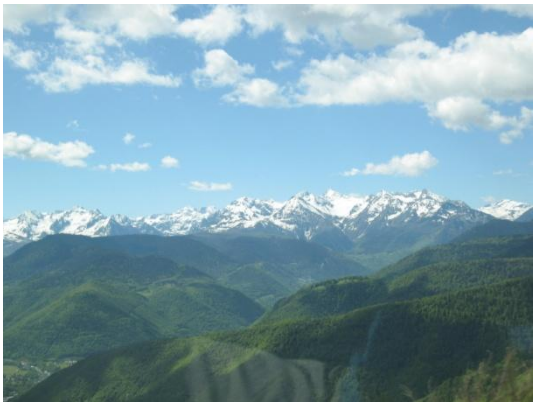
Rebouc fica nos Altos Pirinéus e a casa dos nossos amigos fica mesmo junto ao rio La Neste. Tomámos o pequeno almoço na casa deles, depois de uma noite bem dormida na AC (porque não quisemos ficar lá em casa) a ouvir o delicioso barulho do rio que, nesta altura do ano leva um caudal muito considerável devido ao degelo. Aquele ruído das águas é como uma música que nos embala para adormecer.



A estrada que passa junto à casa tem um movimento bastante grande de carros que vêm e vão para Espanha e para as povoações até à fronteira (túnel de Bielsa) mas com têm um largo espaçoso, junto ao rio, e foi aí que ficámos, o trânsito não nos incomodou.



Após o pequeno almoço, eles levaram-nos até ao Col d'Aspin, a 1490 m de altitude. A montanha está linda, nesta altura, tudo muito verdinho e os picos cobertos de neve.





Lá no alto, belas zonas de pastagem e, como decorreu há poucos dias a transumância, estas pastagens estão salpicadas de rebanhos de ovelhas e de vacas. No Col d'Aspin havia algumas dezenas de vacas que passeavam entre os automóveis estacionados e os turistas que observavam a paisagem ou faziam as suas caminhadas pela montanha.









As vacas, muito mansas e pachorrentas, deixavam que nos aproximássemos delas… Foi muito giro: paisagens lindas, bom tempo, céu muito azul, nuvens branquinhas confundindo-se com a neve dos altos picos, enfim… um cenário de encantar!...

A certa altura surge uma caravana de burros, processo utilizado para transporte de material por grupos de caminhantes que pretendem fazer percursos de montanha. Estas, são imagens inéditas, para nós, que não estamos habituados a vê-las com frequência.













Há sempre grupos de ciclistas que sobem a montanha e, quando atingem o objetivo, é uma enorme satisfação. Este é um dos percursos emblemáticos do Tour de France.

Antigamente, durante a transumância, os pastores acompanhavam o gado, a pé, até à montanha e por lá ficavam enquanto o gado lá estivesse. Agora, fazem-no de automóvel e todas as tardes regressam a casa, deixando os animais na pastagem.



Dali seguimos para o Col de Beyrède, (1470 m) Também com lindíssimas paisagens e visitámos o Lago de L'Artigou, uma agradável estância de férias, igualmente maravilhos. Só regressámos para o almoço já passava das 13h. Foi uma

maravilha!!! Podemos considerar que isto foi “a cereja em cima do bolo”, depois de toda a maravilhosa viagem que fizemos…











Depois de almoço foi a vez de irmos fazer uma caminhada, não pela montanha mas pelo vale, no entanto, com algumas subidas bem consideráveis. Percorremos zonas de arvoredo com lindas árvores, trepadeiras, fetos e sombras espetaculares. Foram quase 2h de caminhada, embora com pequenas paragens para observar as plantas, as árvores, ouvir o canto dos pássaros, apreciar algumas belas vivendas espalhadas pela floresta, os animais que pastavam nos prados e os regatos que corriam da montanha até ao vale para se encontrarem





com o rio. Foi um dia muito bem passado, embora cansados chegámos ao fim do dia com uma enorme satisfação pelos lugares lindos que visitámos…

















29º Dia – quinta feira, 13 de junho de 2013

REBOUC A CAPBRETON – 212 KM

Combinámos, ontem, ir hoje a Arreau porque havia lá mercado e depois iríamos almoçar a Sarrancolin pois quisemos oferecer um almoço aos nossos amigos que nos recebem sempre tão bem. Assim foi… depois do pequeno almoço fomos à feira onde comprámos um boné para cada um, um bolo típico dos Pirinéus, nozes belíssimas e um queijo basco de que gostamos muito. Gostamos sempre de visitar estas feiras com produtos próprios da região porque as achamos muito pitorescas e enquadradas no ambiente destas bonitas povoações, tornam-se ainda mais atraentes. Quando chegámos, o tempo estava bom mas, de repente, um forte nevoeiro desceu sobre a montanha e num instante começou a chuviscar e a fazer frio. Na montanha é assim, o tempo muda repentinamente…

Arreau é uma aldeia de montanha com uma enorme beleza pelo charme das casas antigas e monumentos e porque é atravessada por dois rios que correm rápidos e melodiosos por entre as pedras do percurso. Os Pirinéus completam o postal ilustrado. A força das águas foi aproveitada ao longo dos tempos para fazer mover as máquinas de algumas



pequenas fábricas que aqui se instalaram. Em Arreau havia cerca de vinte mas algumas já estão desativadas. Já conhecemos esta região há cerca de 20 anos mas é sempre um prazer visitá-la de novo.















Fomos almoçar e após o almoço tínhamos um problema para resolver. Ontem, à tardinha, o velhinho foi ver como estava o óleo do carro, uma vez que após a mudança não viu como ficou o nível. Verificou então que o nível do óleo estava muito mais elevado que o "máximo" e ficou preocupado porque o "máximo" nunca deve ser excedido, com risco de danificar o motor. Para não levar o carro à oficina que nos fez a mudança de óleo pois a distância era maior, fomos a uma oficina em Sarrancolin ver se eles nos tiravam o óleo em excesso. Assim foi, depois de almoço e mudámos também logo o filtro que na outra oficina não havia. Em viagem é sempre necessária muita atenção a estes pormenores para não termos problemas maiores.

Daqui, despedimo-nos dos nossos amigos que nos encheram de presentes e seguimos para Capbreton para comprar umas ostras e assim nos despedirmos destas gulodices da viagem

Estamos em Capbreton na AS junto à praia. GPS: N 43º 38.200' / W 1º 26.834' (10€) com água, eletricidade, estacionamento e despejos.

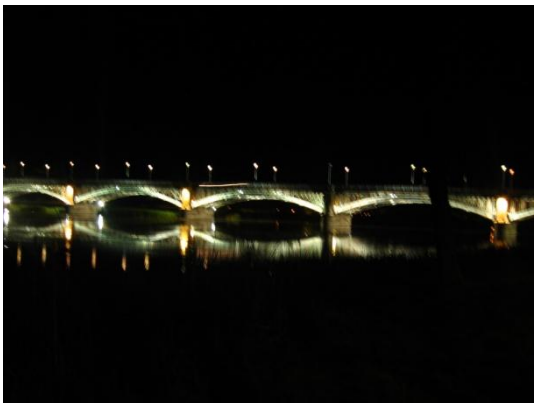


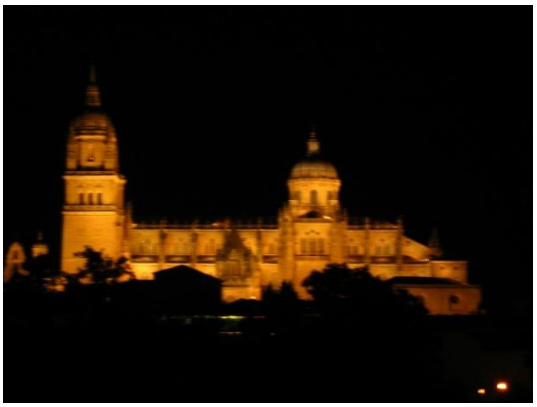


30º Dia – sexta feira, 14 de junho de 2013

CAPBRETON A SALAMANCA – 548 KM

A AS de Capbreton é um local sossegado junto à praia mas às 8h da manhã, como de costume, começaram os barulhos, com o padeiro a apitar, o carro do lixo a fazer a recolha dos contentores e os companheiros que partiam de viagem. Levantámo-nos às 9h (não somos madrugadores…) e após tratarmos da higiene matinal e tomarmos o pequeno almoço, fomos dar um passeio pela praia. Depois fizemos os despejos da AC, metemos água e fomos à procura de ostras. Comprámos 3 dúzias e seguimos viagem em direção a Espanha… Marcámos no GPS, Salamanca, eram 500 e tal km e pensámos: vamos andando e quando quisermos, paramos. A viagem decorreu tão bem que chegámos mesmo a Salamanca. Fomos para a AS onde ficámos há um mês, no início da viagem mas, desta vez, estava repleta no entanto, ainda se arranjou um lugarzinho para nós. Como fica perto do centro histórico e à beira rio e estamos no início do fim de semana, havia imensa gente nas ruas e nas esplanadas ou passeando nos jardins. Foi agradável dar por ali também um passeiozinho e, tomando uma bebida numa esplanada, poder observar a cidade com a iluminação noturna.





31º Dia – sábado, 15 de junho de 2013

SALAMANCA

Resolvemos ficar mais um dia em Salamanca para conhecer melhor a cidade e poder descansar mais um pouco. Resolvemos ficar no Camping Régio, em Sta. Marta de Tormes, a 6 km de Salamanca. O parque tem boas instalações e algumas sombras. Fica junto a uma unidade hoteleira e é pertença da mesma. O restaurante e piscinas do hotel também servem o parque. Gps: N 40.94666 / E -5.61416

32º Dia – domingo, 16 de junho de 2013

SALAMANCA A PRAIA DO RIBATEJO – 415 KM

Os 415 km que faltavam foram feitos com toda a tranquilidade . Depois de um passagem por Portalegre para visitar a filha, o genro e os netos, chegámos a casa com muita alegria por mais uma viagem terminada com êxito e muita felicidade. Vamos preparar a próxima!...

Total de Kms percorridos - 3839